

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia e Antropologia
Especialização em Projetos Sociais: formulação e Monitoramento

Karen Cristiane de Medeiros

**O PROJETO SOCIAL ARQUITETURA NA PERIFERIA: sua trajetória e
participação das mulheres**

Belo Horizonte

2020

Karen Cristiane de Medeiros

**O PROJETO SOCIAL ARQUITETURA NA PERIFERIA: sua trajetória e
participação das mulheres**

Monografia de especialização apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Projetos Sociais.

Orientador: Rafael Diogo Pereira

Belo Horizonte

2020

301 M488p 2020	<p>Medeiros, Karen Cristiane de.</p> <p>O projeto social arquitetura na periferia [recurso eletrônico] : sua trajetória e participação das mulheres / Karen Cristiane de Medeiros. - 2020.</p> <p>1 recurso online (71 f.)</p> <p>Orientador: Rafael Diogo Pereira.</p> <p>Monografia apresentada ao curso de Especialização em Projetos Sociais: Formulação e Monitoramento - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia</p> <p>1.Relações de gênero 2.Direito à moradia. 3.Mulheres. I.Pereira, Rafael Diogo, 1982-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.</p>
----------------------	--



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia
Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha
31.270-901 - Belo Horizonte - MG

ESPECIALIZAÇÃO EM PROJETOS SOCIAIS: FORMULAÇÃO E MONITORAMENTO

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE 2017772415 - KAREN CRISTIANE DE MEDEIROS

Aos vinte dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia do Curso de Especialização em Projetos Sociais: Formulação e Monitoramento, composta por Orientador: Rafael Diogo Pereira e Luciana Cristina Nogueira Honório Rodrigues para examinar a monografia intitulada "*O Projeto Social Arquitetura na Periferia: sua Trajetória e Participação das Mulheres*" de 2017772415 - KAREN CRISTIANE DE MEDEIROS. Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da banca examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela aprovação da monografia. Para constar, foi lavrada a presente ata que vai datada e assinada pela Coordenadora.

Belo Horizonte, 20 de fevereiro de 2020

Assinatura manuscrita em tinta azul de Danielle Cireno Fernandes.

Profa. Danielle Cireno Fernandes
Coordenadora do Curso de Especialização em
Projetos Sociais: Formulação e Monitoramento

AGRADECIMENTOS

Agradeço à equipe do projeto Arquitetura na Periferia, pela oportunidade de participar do projeto, em um dia de *workshop* e mutirão. Pela possibilidade de conhecer a metodologia do projeto e algumas das mulheres participantes.

Agradeço também todas as mulheres participantes do projeto Arquitetura na Periferia, em especial à Cris, pela hospitalidade e por poder contribuir na construção de um de seus sonhos, a sua casa. Além disso, pelo aprendizado que recebemos em um dia de trabalho e conhecimento.

À Carina, Cenir, Luciana, Mariana e Chay, integrantes da equipe Arquitetura na Periferia, que conheci pessoalmente e à todas as outras integrantes da equipe, que se disponibilizam em disseminar o trabalho desenvolvido pelo projeto.

À Coordenadora do curso em Especialização em Projetos Sociais: Formulação e Monitoramento, Danielle Cireno Fernandes e toda sua equipe de trabalho, pela oportunidade de ser aluna do curso, que trouxe grande contribuição no meu aprendizado profissional e pessoal.

Aos professores e tutores do curso, pelo aprendizado recebido. Ao orientador Rafael, pelo aprendizado e disponibilidade, que contribuiu para que este trabalho de conclusão de curso se tornasse realidade.

Agradeço à todas alunas e alunos do curso pelo companheirismo e troca de saberes durante os estudos. À companheira Miriam (*in memoriam*), que nos deixou no meio do caminho e fez com que o nosso grupo de trabalhos e provas ficasse triste com sua partida.

Agradeço ainda, à minha família e amigos pelo incentivo e apoio durante o curso.

RESUMO

Esta monografia apresenta um estudo de caso sobre o projeto social Arquitetura na Periferia. O presente trabalho tem como objetivo analisar a trajetória do projeto social Arquitetura na Periferia, evidenciando a visão das mulheres envolvidas e os resultados alcançados. Por sua vez, apresenta os seguintes objetivos específicos: evidenciar a percepção das mulheres participantes do projeto Arquitetura na Periferia em relação aos desdobramentos do projeto em seu cotidiano; resgatar o processo de criação do projeto e analisar seus resultados, a partir da visão de suas idealizadoras; e analisar em que medida o projeto fomentou para as mulheres participantes reflexões sobre o direito à moradia e as políticas públicas de habitação. Para o desenvolvimento teórico do trabalho foi realizada uma breve abordagem histórica, das desigualdades enfrentadas pelas mulheres no Brasil e no mundo, assim como, seus direitos conquistados. Além disso, foi abordado o desafio da equidade de gênero na atualidade, frente às desigualdades enfrentadas pelas mulheres no cotidiano e pelos movimentos sociais feministas, como na divisão sexual do trabalho e na política. É também realizada uma breve abordagem sobre o direito à moradia no Brasil e a luta dos movimentos sociais pela moradia digna. A abordagem utilizada foi a pesquisa qualitativa, embasada em autores como (REY, 2005) e o método de estudo de caso de (YIN, 2001). As análises de conteúdo, foram realizadas, através de da categorização, em três eixos de análise. O primeiro eixo refere-se ao processo de criação do projeto Arquitetura na Periferia e seus resultados, o segundo eixo refere-se à percepção das mulheres participantes do projeto Arquitetura na Periferia, já o terceiro eixo refere-se ao fomento das mulheres participantes do projeto quanto às reflexões sobre o direito à moradia. Por fim, são apresentadas as considerações finais, em que foi observado que o projeto Arquitetura na Periferia ampliou as ações desenvolvidas, passou a beneficiar mais mulheres, com a criação de novos grupos. Também ampliou a sua área de abrangência para outros municípios e ampliou a equipe do projeto, que trabalha atualmente com uma equipe interdisciplinar. Foi possível perceber que as mulheres participantes têm a percepção de transformação em suas vidas ao participarem do projeto, pois o projeto propicia autoconfiança e autonomia para as participantes. Além disso, foi visto que as mulheres participantes do projeto possuem histórico de luta por moradia e vivem sem apoio de políticas públicas para uma moradia digna.

Palavras-chave: Gênero. Desigualdade de gênero. Movimentos sociais. Direito à moradia. Projeto social Arquitetura na Periferia. Participação das mulheres.

ABSTRACT

This monograph presents a case study on the social project Architecture in the Periphery. This paper aims to analyze the trajectory of the social project Architecture in the Periphery, showing the vision of the women involved and the results achieved. In turn, it presents the following specific objectives: evidence the perception of women participating in the Architecture in the Periphery project in relation to the project's unfolding in their daily lives; rescue the process of creating the project and analyze its results, from the vision of its creators; and analyze the extent to which the project is promoted for women participating in reflections on the right to housing and public housing policies. For the theoretical development of the work, a brief historical approach was made to the inequalities faced by women in Brazil and in the world, as well as their conquered rights. In addition, the challenge of gender equity was addressed today, in the face of inequalities faced by women in daily life and by feminist social movements, as in the sexual division of labor and in politics. A brief approach is also made on the right to housing in Brazil and the struggle of social movements for decent housing. The approach used was qualitative research, based on authors such as (REY, 2005) and the case study method of (YIN, 2001). Content analyzes were carried out, through categorization, in three axes of analysis. The first axis refers to the process of creating the Architecture in the Periphery project and its results, the second axis refers to the perception of the women participating in the Architecture in the Periphery project, while the third axis refers to the promotion of women participating in the project regarding reflections on the right to housing. Finally, the final considerations are presented, in which it was observed that the Architecture in the Periphery project expanded the actions developed, started to benefit more women, with the creation of new groups. It also expanded its coverage area to other municipalities and expanded the project team, which currently works with an interdisciplinary team. It was possible to perceive that the participating women have the perception of transformation in their lives when participating in the project, as the project provides self-confidence and autonomy for the participants. In addition, it was seen that the women participating in the project have a history of fighting for housing and live without the support of public policies for decent housing.

Keywords: Gender. Gender inequality. Social movements. Right to housing. Social project Architecture on the periphery. Participation of women.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Fontes em vídeos	22
Tabela 2 - Sujeitos da pesquisa	24
Tabela 3 - Arrecadação de recursos do projeto Arquitetura na Periferia 2019.....	27
Tabela 4 - Locais de atuação do projeto Arquitetura na Periferia.....	28

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ECO-92 - Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento
IBEAC - Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MLB - Movimento de Luta nos Bairros
ONU - Organizações das Nações Unidas
PUC Minas - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 DESIGUALDADE DE GÊNERO NO MUNDO E NO BRASIL: DESAFIOS E CONQUISTAS.....	12
2.1 O conceito de gênero	12
2.2 A luta pelos direitos das mulheres.....	13
3 DIREITO À MORADIA NO BRASIL E A LUTA DAS MULHERES POR MORADIA DIGNA.....	17
4 METODOLOGIA.....	22
5 ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	27
5.1 O projeto Arquitetura na Periferia e sua trajetória	27
5.2 A percepção das mulheres participantes do projeto Arquitetura na Periferia e os desdobramentos do projeto em seu cotidiano.....	32
5.3 A percepção das mulheres participantes do projeto quanto às reflexões sobre o direito à moradia.....	37
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
APÊNDICES.....	47

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que as desigualdades de gênero estão presentes em nossa sociedade. As mulheres ganham salários menores, têm menores participações na política, são responsáveis pelos afazeres domésticos e pelos cuidados com os filhos. Desde recém-nascidos são impostas diferenças de gênero em que o sexo biológico define funções, ações e escolhas, como por exemplo, carrinhos são brinquedos de meninos e bonecas são de meninas. Essas dimensões culturais definem uma sociedade desigual, desde a infância. Quando adultos, às mulheres são atribuídas as responsabilidades dos afazeres do lar, os cuidados com os filhos. Já os homens são predestinados ao mundo externo, ao trabalho, à participação na política, à melhores cargos e salários.

Atualmente as mulheres têm conquistando mais espaço no mercado de trabalho, resultado da luta dos movimentos sociais. Ainda assim é predominante que funções de cuidados de limpeza do lar e cuidado com os filhos são relacionadas às mulheres. No mercado de trabalho observa-se a desigualdade, através de dados estatísticos recentes, como do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017). Algumas áreas têm predominância de homens e outras de mulheres. Por exemplo, homens exercem mais cargos de chefias e são maioria na área da construção civil.

A falta de acesso à participação das mulheres em atividades, que geralmente são atribuídas aos homens, gera falta de autonomia e empoderamento às mulheres. Isso contribui para as desigualdades de gênero. Optou-se pelo tema Desigualdade de Gênero, por entender que a questão de gênero é cultural, histórica e social e a igualdade de gênero é um desafio para toda a sociedade. Por entender ainda, a importância da implementação de projetos sociais e políticas públicas que visam a autonomia das mulheres.

O Brasil é um país de grandes e diversas desigualdades sociais, que geram situações de risco e vulnerabilidades sociais. Entre elas estão as famílias que lutam pelo direito à moradia. Elas moram em áreas da periferias, que geralmente estão distantes dos olhares das políticas públicas. Em muitos casos são famílias com mulheres chefes do domicílio e com situações precárias de moradia, como falta de infraestrutura, saneamento básico, políticas sociais e, portanto, não têm o direito à moradia digna garantido.

Com a intenção de melhoria das casas das mulheres moradoras de periferias, em Belo Horizonte, foi desenvolvido o projeto social Arquitetura na Periferia, pela arquiteta Carina Guedes de Mendonça. O projeto social surgiu através de uma experiência empírica, em 2013, realizada em sua dissertação de mestrado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O projeto tem como objetivo melhorar a moradia para mulheres da periferia, por meio de um processo onde elas são apresentadas às práticas e técnicas de projeto e planejamento de obras. Elas recebem um microfinanciamento para que conduzam com autonomia e sem desperdícios as reformas de suas casas. O projeto tem como missão promover a inclusão da mulher no âmbito das decisões acerca da construção da casa e estimular a sua autoconfiança e autoestima. Oferecer assessoria técnica pautada pela confiança, cooperação e compartilhamento de informações.

Considerando as desigualdades nas relações de gênero e ações que têm como objetivo trazer oportunidade para as mulheres exercerem seus direitos e sua autonomia, como no caso do projeto social Arquitetura na Periferia, com a atuação das mulheres na tomada de decisões para melhorias da estrutura de seus lares e atuação na construção civil, a presente pesquisa visa responder a seguinte questão norteadora: como se deu a criação e a consolidação do projeto social Arquitetura na Periferia?

Esta monografia tem como objetivo geral:

Analisar a trajetória do projeto social Arquitetura na Periferia, evidenciando a visão das mulheres envolvidas e os resultados alcançados.

Por sua vez, apresenta os seguintes objetivos específicos:

- a) Evidenciar a percepção das mulheres participantes do projeto Arquitetura na Periferia em relação aos desdobramentos do projeto em seu cotidiano.
- b) Resgatar o processo de criação do projeto e analisar seus resultados, a partir da visão de suas idealizadoras.
- c) Analisar em que medida o projeto fomentou para as mulheres participantes reflexões sobre o direito à moradia e as políticas públicas de habitação.

A abordagem da pesquisa realizada foi qualitativa, através do método de estudo de caso. Os instrumentos e técnicas para coleta de dados foram através de dados primários e secundários. Como dados primários foram utilizadas anotações de diário de campo, da participação em um *workshop* e um mutirão do projeto Arquitetura na Periferia. Como dados secundários foram utilizados vídeos disponíveis na internet, com relatos das mulheres participantes do projeto, trabalhos acadêmicos, como a dissertação de mestrado da arquiteta Carina Guedes de Mendonça, do ano de 2014. A análise dos dados ocorreu através das análises de conteúdo, pela técnica de categorização de Bardin (2006), em que foram definidos três eixos de análise para atingir os objetivos, com a relação da teoria com a interpretação dos dados.

Esta monografia está estruturada em seis capítulos. Inicia-se com a introdução. Já no segundo capítulo foi realizada uma breve abordagem histórica das desigualdades enfrentadas pelas mulheres no Brasil e no mundo, assim como, seus direitos conquistados. Além disso, foi abordado o desafio da equidade de gênero na atualidade, frente às desigualdades enfrentadas pelas mulheres no cotidiano e pelos movimentos sociais feministas, como na divisão sexual do trabalho e na política. No terceiro capítulo é realizada uma breve abordagem sobre o direito à moradia no Brasil e a luta dos movimentos sociais pela moradia digna. No quarto capítulo foi apresentada a metodologia utilizada nesta monografia. O quinto capítulo, é referente à análise de conteúdo, em que foi abordada a trajetória do projeto Arquitetura na Periferia, como seu surgimento, objetivos, público alvo e resultados. Nesse capítulo também foi abordada a percepção das mulheres participantes do projeto Arquitetura na Periferia, os desdobramentos do projeto em seu cotidiano, como também a sua percepção quanto às reflexões sobre o direito à moradia. Por fim, no sexto capítulo, são apresentadas as considerações finais, em que foi observado que o projeto Arquitetura na Periferia ampliou as ações desenvolvidas, passou a beneficiar mais mulheres com a criação de novos grupos. O projeto também ampliou a sua área de abrangência para outros municípios e ampliou a equipe do projeto, que trabalha atualmente com uma equipe interdisciplinar. Foi possível perceber também que as mulheres participantes têm a percepção de transformação em suas vidas ao participarem do projeto, pois o projeto propicia autoconfiança e autonomia para as participantes. Além disso, foi visto que as mulheres participantes do projeto possuem histórico de luta por moradia e vivem sem apoio de políticas públicas para uma moradia digna.

2 DESIGUALDADE DE GÊNERO NO MUNDO E NO BRASIL: DESAFIOS E CONQUISTAS

2.1 O conceito de gênero

A diversidade entre homens e mulheres vai muito além de diferenças biológicas e naturais como se acredita no senso comum. Desde a pré-história, homens e mulheres exercem papéis diferentes referentes à divisão sexual do trabalho. Na maioria das sociedades os homens se voltaram para a esfera pública, enquanto as mulheres estavam vinculadas à esfera privada, através dos cuidados com a prole e os serviços domésticos. Essa diferença é observada desde a infância, no qual é esperado, pela sociedade, que as meninas apresentem comportamentos mais dóceis, já dos meninos são esperadas características mais agressivas, de coragem e de conquista (OSTERNE, 2001). Essa relação patriarcal, dos homens sobre as mulheres, expressa uma relação de dominação, que persiste ao longo do tempo como modelo dominante, como aponta Silveira (2012):

Essas práticas e representações sociais, por sua vez, engendraram relações de poder assimétricas entre homens e mulheres, estabelecendo a submissão destas àqueles, configurando o patriarcalismo como modelo/padrão dominante da relação entre os dois gêneros. (SILVEIRA, 2012, p. 1).

O conceito de gênero da autora Scott (1995) tem duas partes que estão inter-relacionadas. A primeira é que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e a segunda é que “o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Segundo Farah (2004), a categoria gênero começou a ser utilizada e analisada na década de 1960. No Brasil ocorreu a partir da década de 1970, juntamente com o fortalecimento dos movimentos sociais no país. De acordo com Silveira (2012), inicialmente os estudos sobre gênero eram encarados como estudos sobre as mulheres, realizados por mulheres e para mulheres. Através de críticas, o feminismo elaborou um novo significado sobre gênero, como uma construção sociocultural, histórica e de relações de poder. Segundo Osterne (2001):

As relações de gênero, portanto, não são consequências da existência de dois sexos, macho e fêmea. O vetor caminha em sentido contrário, ou seja, do social para os indivíduos. Os indivíduos transformam-se em homens e mulheres por intermédio das relações de gênero. (OSTERNE, 2001, p.119).

A autora Gayle Rubin (1993), cria o conceito de sistema de sexo/gênero como “um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e na qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, 1993. p.7). Ainda de acordo com Rubin (1993), é importante analisar as causas da opressão histórica sofrida pelas mulheres para saber o que é preciso modificar na sociedade, para alcançar a igualdade de gênero. Para explicar o sistema de sexo/gênero, Rubin (1993), utiliza autores como Lévi-Strauss e Freud, em que apontam um profundo lugar da sexualidade na sociedade e uma profunda diferença entre a experiência social entre homens e mulheres.

Segundo Rubin (1993), sua análise do sistema de parentesco de Lévi-Strauss e do complexo edipiano Freud, sugere ao movimento feminista tentar resolver a crise edipiana da cultura, pelo menos em alguns elementos, reorganizando o campo do sexo e gênero, para que ela seja menos destrutiva. Sugere ao feminismo, uma revolução no parentesco, que provocasse mudanças na divisão sexual do trabalho, na heterossexualidade normativa, na reorganização do sistema de propriedade sexual e na própria existência do gênero.

2.2 A luta pelos direitos das mulheres

Segundo Silveira (2012), em decorrência da Revolução Industrial, muitas mulheres ingressaram em trabalhos em fábricas, cumpriam jornadas longas de trabalho e recebiam salários inferiores aos dos homens. A partir de então, começaram a surgir reivindicações sobre direitos das mulheres no trabalho, na educação e no direito ao voto feminino, que inclusive foi conquistado apenas no início do século XX.

Algumas pioneiras na luta pelos direitos femininos podem ser citadas, como a francesa Olympe de Gouges, que, em 1791, elaborou a Declaração dos Direitos das Mulheres e das Cidadãs, iniciando a luta contra a desigualdade entre homens e mulheres. Outra é a inglesa Mary Woolstonecraft, que em 1790, escreveu o livro Reivindicação dos direitos da mulher, que denuncia a exclusão das mulheres aos direitos básicos do século XVIII. Uma das pioneiras no Brasil é Nísia Floresta, que

publicou, em 1832, seu primeiro livro intitulado como, *Direito das mulheres e injustiça dos homens* (BUENO, 2006).

Nas últimas décadas houve fortalecimento na formulação de políticas públicas com enfoque na questão de gênero, também influenciado pelo feminismo internacional, no qual se destacam alguns encontros e conferências, entre eles a ECO-92; a Conferência Mundial sobre Direitos Humanos, em 1993; a Conferência sobre População e desenvolvimento, em 1994; a Conferência Mundial sobre Mulher, em 1995; e o Fórum Social Mundial de 2001 a 2003 (FARAH, 2004).

O movimento feminista no Brasil teve início com a luta pelo direito ao voto no século XX. Porém, há séculos as mulheres, no país, reivindicaram o direito à igualdade. Observa-se, essa luta no Brasil, desde o período escravocrata, na qual lutaram contra a escravidão e melhorias de condições de vida de homens e mulheres. No Brasil, o direito ao voto foi conquistado em 1932.

Já a participação das mulheres nos partidos, até os dias atuais, ainda é um grande desafio devido à baixa participação de mulheres na área, advinda da desigualdade de gênero sócio-histórica. Em 1997 foi sancionada a lei 9.504, que determina a reserva de 30% das legendas dos partidos para as candidatas mulheres. Mesmo após a estipulação da cota, a participação das mulheres na política ainda é pequena, considerando a proporção da população de mulheres no país.

Apesar da lei 9.504 de 1997, foi somente em 2018 que houve obrigatoriedade, para as coligações de deputados/deputadas federais, estaduais e distritais, a reserva mínima de 30% para mulheres. Um dos fatores de baixa participação das mulheres na política é a construção social de que à mulher deve ser atribuída atividades do lar, do âmbito doméstico. Quando inseridas no mundo público, ainda são dominantes as áreas e profissões que mais se relacionam com o feminino e doméstico, como, por exemplo, professora, pedagoga, empregada doméstica, costureira, cozinheira, entre outras. Além disso, a área política tem um fator de poder que é atribuída ao homem, onde prevalece a dominação masculina.

O movimento social feminino, no Brasil, ganhou força a partir da década de 1970. Em 1975 a Organizações das Nações Unidas (ONU) decretou o Ano Internacional da Mulher. Essa ação impulsionou os movimentos feministas para discussão sobre sexualidade, violência, direitos civis, trabalho e pela luta pela redemocratização (BUENO, 2006). De acordo com Socorro (2010), foi a partir da década de 1970, que houve um aumento do número de mulheres no mercado de

trabalho, aumento da escolaridade das mulheres e cada vez mais mulheres chefes de família. Apesar disso, desigualdades são observadas até os dias atuais.

Foi durante a década de 1980, que houve um alargamento da bandeira do movimento feminino, no país, que passou a lutar por direitos de saúde, reivindicando direitos reprodutivos e sexuais. O movimento feminista tem como objetivo superar as desigualdades enfrentadas entre homens e mulheres. Contribuiu para a inclusão da questão de gênero na agenda pública e para a formulação de políticas voltadas para as mulheres na década de 1980.

Algumas dessas primeiras conquistas nacionais, com recorte de gênero, podem ser citadas, entre elas, a criação do primeiro Conselho Estadual da condição Feminina no Estado de São Paulo, em 1983. Também em 1983, a criação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher. Houve também, a criação da primeira Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher e o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, ambos em 1985. Outra grande conquista foi promulgação da Constituição Federal de 1988, considerada constituição cidadã, que contou com efetiva participação e contribuição do movimento de mulheres.

A partir dos anos 1980, organismos internacionais incorporam indicadores de equidade para avaliar as desigualdades entre os sexos. O Relatório sobre Desenvolvimento Humano no Brasil, de 1996, citado por Farah (2004), destaca a feminização da pobreza no Brasil e chama atenção para a disparidade salarial entre homens e mulheres, as maiores taxas de desemprego entre as mulheres e a situação de vulnerabilidade das mulheres chefes de família. Com base nessas desigualdades organizações, movimentos e entidades de mulheres passaram a defender a mulher como público alvo para políticas sociais. Os movimentos feministas passaram a reivindicar a participação da mulher na formulação e controle das políticas públicas e enfoque nas mulheres como beneficiárias de políticas públicas. Essa focalização na mulher nas políticas públicas se justifica pelo histórico de desigualdade sofrida pelas mulheres. Segundo Carneiro (2003), destaca-se ainda a luta dos movimentos femininos por demandas específicas das mulheres negras e indígenas, lésbicas, trabalhadoras.

No Brasil, nas últimas décadas, a equidade de gênero e o empoderamento das mulheres ocupou grande espaço na agenda governamental, no meio acadêmico e nos movimentos sociais. Isso pode ser observado através de conquistas recentes e importantes como, a criação, em 2003, da Secretaria Especial de Políticas para as

Mulheres, no âmbito do Governo Federal, com status de ministério. Em 2005, o Governo Federal elaborou o I Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, publicado em 2006. Em 2008, foi lançado o II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Em 2006, foi sancionada a Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha.

Apesar dessas conquistas, índices de desigualdades ainda prevalecem. Exemplo disso, pode ser observado no estudo Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, com base em séries históricas de 1995 a 2015, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2017, demonstra que em 2015 as mulheres trabalhavam, em média, 7,5 horas a mais que os homens por semana. A jornada de trabalho total média, das mulheres, era de 53,6 horas, enquanto a dos homens era de 46,1 horas. Com relação aos afazeres domésticos, as mulheres que tinham renda de até um salário mínimo, 94% realizavam aos afazeres domésticos. Entre as mulheres com renda superior a oito salários mínimos, 79,5% dedicavam-se aos afazeres domésticos. Apenas 49% dos homens com rendas mais baixas realizavam os serviços domésticos. Entre os de renda mais altas, de cinco a oito salários mínimos, 57% realizavam afazeres domésticos. Mesmo com o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho, ainda permanecem sendo maioria na realização do trabalho doméstico, caracterizando a “dupla jornada” e a desigualdade de gênero (IBGE, 2017).

O Brasil avançou muito na questão de gênero nas últimas décadas, apesar disso, ainda há muito a conquistar, para que os direitos das mulheres sejam efetivados. O empoderamento das mulheres é imprescindível para promover a redução da pobreza, o desenvolvimento do país e a igualdade de gênero. Por isso, é importante que o tema esteja em pauta e sempre na agenda dos governantes, para que ações afirmativas e políticas públicas sejam implementadas para reduzirem as desigualdades de gênero.

3 DIREITO À MORADIA NO BRASIL E A LUTA DAS MULHERES POR MORADIA DIGNA

A Constituição Federal de 1988 garante o direito à propriedade, condicionado ao princípio da função social, em seu inciso XXIII, do artigo 5º, em que “a propriedade atenderá a sua função social” (Brasil, artigo 5º, inciso XXIII) e também no inciso III, do artigo 170º. Antes da Constituição de 1988 era garantido somente o direito à propriedade, sem um caráter amplo, somente como um direito individual. Os direitos sociais garantidos na Constituição Federal de 1988, no artigo 6º, compreendem direitos como saúde, educação, trabalho, moradia, lazer, alimentação, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância e assistência social. Mas, foi somente a partir do ano de 2000, através da emenda constitucional número 26, de 14 de fevereiro de 2000, que o direito à moradia passou a integrar os direitos sociais no país. O artigo 23, da Constituição Federal de 1988, já garantia a promoção de programas de construção de moradias e melhorias. Porém, os programas sociais de habitação não conseguiram e não conseguem, atualmente, atender a demanda de habitação. Como consequência, o déficit habitacional e o crescimento de moradias periféricas, com pouca infraestrutura é cada vez maior.

Art. 23. É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:
IX - promover programas de construção de moradias e a melhoria das condições habitacionais e de saneamento básico; (BRASIL, Constituição Federal 1988)

O direito à moradia inserido como um direito social, na legislação brasileira, a partir do ano de 2000, evidenciou o direito à moradia não apenas como um local para habitação, mas que ela seja uma moradia digna e adequada. Na Conferência das Nações Unidas sobre os Assentamentos Humanos (Habitat II) em Istambul, Turquia, entre os dias 3 e 14 de junho de 1996, foi definido o que é uma moradia adequada:

Habitação adequada para todos é mais do que um teto sobre a cabeça das pessoas. É também possuir privacidade e espaço adequados, acessibilidade física, garantia de posse, estabilidade estrutural e durabilidade, iluminação adequada, aquecimento e ventilação, infraestrutura básica adequada, como fornecimento de água, esgoto e coleta de lixo, qualidade ambiental adequada e fatores relacionados à saúde, localização adequada e acessível em relação a trabalho e instalações básicas: tudo deveria ser disponível a um custo acessível (FERNANDES, 2003, p. 48).

Ainda conforme definição da Conferência Habitat II, de 1996, a adequação da moradia deve ser determinada juntamente com as pessoas interessadas, considerando a perspectiva de desenvolvimento gradual. A adequação pode variar conforme fatores culturais, sociais, ambientais e econômicos específicos de cada país. Fatores específicos relacionados a gênero e idade, como a exposição de crianças e mulheres às substâncias tóxicas, devem ser considerados nesse contexto.

Outros documentos internacionais endossam o direito à moradia como um direito social, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, a Convenção Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, de 1966. Desde a adoção da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, o direito à moradia digna tem sido reconhecido como um componente importante direito para uma qualidade de vida adequada. Todos os Governos, sem exceção, têm responsabilidades no setor habitacional, pela criação de agências ou ministérios de habitação, alocação de fundos e por políticas, programas e projetos de habitação. A provisão de moradia adequada para todos, exige ação não somente por parte de governos, mas de todos os setores da sociedade (FERNANDES, 2003).

A Política Nacional de Habitação, foi instituída no Brasil no ano de 2004 e vem em consonância com a Constituição Federal e com os demais documentos internacionais, que consideram a moradia como um direito social. A Lei Federal 10.257 de 10 de julho 2001, denominada de Estatuto da Cidade, regulamenta os artigos 182 e 183 da Constituição Federal de 1988, ao estabelecer em seu artigo primeiro, parágrafo único, “normas de ordem pública e interesse social que regulam o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como do equilíbrio ambiental” (BRASIL, 2008, p. 15).

Segundo Siqueira (2006), mesmo com as garantias em legislações, no Brasil, o direito à moradia não é assegurado a todos os cidadãos. De acordo com Siqueira (2006) ao citar Bonduki (2000), aponta que é de grande complexidade o problema habitacional no país, que atinge as populações de baixa renda. Aponta ainda, a criação de barreiras no acesso aos programas de habitação de interesse social, ao impor aos cidadãos de classes sociais menos favorecidas, a responsabilidade por não conseguirem integrar-se no mercado imobiliário.

Não basta ter legislação avançada e uma Constituição Federal que garanta moradia digna para todos. É necessário a criação de políticas públicas capazes de enfrentar o problema habitacional do país. Atualmente programas habitacionais do

Governo Federal, como o Minha Casa Minha Vida, criado em 2009, representam um grande avanço, na tentativa de diminuir o déficit habitacional. Porém, é possível observar que o déficit habitacional no país ainda é grande e que o Minha Casa Minha Vida não consegue atender toda a demanda. Conforme dados da Fundação João Pinheiro (2015), o déficit habitacional, no ano de 2015, correspondeu a 6.355.743 milhões de domicílios, que corresponde a 9,3% dos domicílios particulares permanentes e improvisados. As regiões com o maior déficit habitacional absoluto são Sudeste, com 2,482 milhões e Nordeste, com 1,971 milhões de moradias em 2015. O número de inscritos, no programa Minha Casa Minha Vida, na primeira faixa de renda, nos municípios, possui grande desproporcionalidade com o número de beneficiados. Atualmente o programa, na faixa I, atende uma pequena parcela dos inscritos nos municípios.

Além disso, conforme Mendonça (2014), os programas habitacionais no país, possuem métodos de participação burocráticos e condicionam critérios em que a população de baixa renda não consegue enquadrar-se. Para a primeira faixa de renda, onde estão situadas as famílias mais pobres, esta dificuldade ainda é maior, pois dependem de intermediação das prefeituras para a construção de conjuntos habitacionais, realização de inscrições e sorteios ou dependem da intermediação de movimentos sociais, como no caso da modalidade Minha Casa, Minha Vida Entidades, criado em 2009, com o objetivo de tornar a moradia acessível às famílias organizadas por meio de cooperativas habitacionais, associações e demais entidades privadas sem fins lucrativos.

Além do programa Minha Casa Minha Vida, o Construcard é outra opção de programa do Governo Federal para construção ou reforma de imóveis. O Construcard possui, além do enfrentamento de burocracias de cadastro, documentos, possui ainda uma exigência de pagamento de parcelas de custo financeiro que não condiz com a renda dos cidadãos da periferia, além da exigência de que o imóvel esteja regularizado. Outro grande problema do Construcard é a falta de assessoria técnica para as construções.

A Lei 11.888 de 24 de dezembro de 2008, assegura às famílias de baixa renda, o direito à assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social e altera a Lei nº 11.124, de 16 de junho de 2005. Porém, esse direito não é efetivado, ao observar a informalidade das construções sem assessoria técnica nas periferias (MENDONÇA, 2014).

Outro fator relevante para análise é que os programas habitacionais de moradias populares, não atendem fatores socioculturais da comunidade beneficiada, ao construírem as casas padronizadas. Conforme Mendonça (2014), ao citar o arquiteto Sérgio Ferro (2012), aponta que, a partir do Renascimento, o arquiteto passa a ter uma posição privilegiada, se diferenciando dos trabalhadores do canteiro de obras. Segundo Mendonça (2014), reconhecer a posição privilegiada do arquiteto é relevante para o desenvolvimento de formas de assessoria adequada para às demandas populares. Foi somente a partir do final do século XIX, que os arquitetos passaram a se envolver mais com projetos para classe trabalhadora e não apenas em grandes projetos, para membros da elite e instituições. Porém, essa atuação ainda “está em grande parte, vinculada à programas governamentais, ações voluntárias, pesquisas acadêmicas e instituições de caridade” (MENDONÇA, 2014. p.19).

A atuação de arquitetos na periferia ainda está aquém, pois a maioria das construções são realizadas informalmente. De acordo com Mendonça (2014), ao citar Kapp et al. (2012), os arquitetos ao executarem projetos para as classes trabalhadoras, se baseiam nos interesses de seu próprio grupo social e não dos atendidos. Analisa ainda, três tipos de atuações de profissionais da Arquitetura em contextos de autoprodução, são elas as ações tecnocráticas, missionárias e artísticas e que, portanto, existe uma desigualdade entre as demandas da população de baixa renda e as respostas oferecidas pelos arquitetos. O déficit habitacional no país atinge, principalmente as populações de baixa renda, que sofrem com a falta de moradia digna e ocupam geralmente as periferias. Como as políticas habitacionais não atendem toda a demanda da população, os movimentos sociais têm papel importante na luta pelo direito à moradia adequada e as mulheres têm grande e relevante participação nos movimentos de luta por moradia.

Geralmente são as mulheres as responsáveis pelo trabalho e cuidado doméstico. Esses fatores, que foram construídos socialmente e historicamente, relacionam que as mulheres possuem características de seres dóceis, pacientes, delicadas e os homens são relacionados às características de seres viris, corajosos e fortes. Segundo Souza (2013), a divisão sexual do trabalho deve ser percebida como uma categoria histórica, que recebe diferentes contornos e reflexos, conforme as transformações das forças produtivas. Porém, a mulher, mesmo ao ter maior participação na esfera pública na atualidade, através da entrada da mulher no mercado de trabalho, não significou o término da divisão sexual do trabalho. No

mercado de trabalho são as mulheres, em sua maioria, que exercem atividades que demandam as características de cuidado e delicadeza. Já os homens, em sua maioria, são responsáveis por atividades que demandam virilidade e coragem e exercem atividades de maior prestígio social, além de, possuírem maiores salários que as mulheres.

Às mulheres, ainda são atribuídas atividades do cuidado doméstico, dos filhos e da família e têm que exercerem jornadas duplas de trabalho, quando estão inseridas no mercado de trabalho ou quando exercem trabalhos informais dentro do lar. Souza (2013), ao citar Kergoat (2000), afirma que a divisão sexual do trabalho não é apenas uma simples divisão de atividades entre os gêneros, é além disso, uma relação de poder dos homens sobre as mulheres. Conforme Souza (2013), como são atribuídas historicamente às mulheres a responsabilidade pelo cuidado do lar, as mulheres sofrem mais com a falta de condições de moradia digna. A luta por moradia digna é conseqüentemente realizada, em maior parte, por mulheres da periferia, por sentirem, de forma mais intensa, as dificuldades de infraestrutura, saneamento básico e acesso aos serviços de educação, saúde, lazer, assistência social, transporte, entre outros, na comunidade e em seu entorno. As mulheres ao participarem de movimentos sociais de moradia, lutam em primeiro momento por moradias dignas, em função da divisão social do trabalho imposta historicamente. Mas, ao sair do ambiente privado e reivindicar um direito, elas participam da esfera pública, local historicamente atribuído às atividades dos homens e passam a disputar poder na esfera pública.

Para equacionar o déficit habitacional e garantir o direito social de moradia para os cidadãos é imprescindível que as políticas públicas de habitação considerem as demandas dos movimentos sociais, assim como as especificidades das comunidades, da cultura das pessoas da periferia, as desigualdades de gênero e principalmente que as mulheres possam participar em igualdade na implementação das políticas públicas de moradia.

4 METODOLOGIA

Considerando que a metodologia de pesquisa, tem que responder a definição do tema a ser pesquisado, que a desigualdade de gênero e a histórica opressão sofrida pelas mulheres fazem parte das relações sociais, a abordagem utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, para este trabalho de conclusão de curso, é a abordagem qualitativa. A abordagem qualitativa é a que mais se aproxima para a compreensão da realidade social e por essa realidade ser complexa e composta por subjetividade, em uma perspectiva histórico-cultural das diferentes atividades humanas (REY, 2005). Segundo Rey (2005), a pesquisa, amparada na Epistemologia Qualitativa, tem entre seus objetivos a produção de modelos teóricos complexos e dinâmicos, que geram inteligibilidade sobre os complexos processos da subjetividade humana, que as metodologias tradicionais não teriam acesso.

As mulheres do projeto Arquitetura na Periferia são compostas de subjetividades individuais e sociais, que se manifestam através de seu cotidiano, história e cultura. Conforme Rey (2005), o sujeito é parte fundamental na abordagem da pesquisa qualitativa ao apontar que, “o sujeito é a unidade essencial para os processos de construção na pesquisa qualitativa, pois a singularidade é a única via que estimula os processos de construção teórica portadores de um valor de generalização perante o estudo da subjetividade” (REY, 2005, p.113). Ainda segundo Rey (2005), é através da comunicação que os participantes da pesquisa se transformam em sujeitos. É um espaço legítimo e permanente de construção da informação, em que o sujeito se inspira em suas diferentes formas de expressão simbólica.

O método utilizado durante a pesquisa foi o método de estudo de caso, por entender que o estudo de caso contribui, de forma singular, para a compreensão dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos (YIN, 2001). De acordo com Yin (2001), a necessidade pelos estudos de caso surge do interesse de se compreender fenômenos sociais complexos. Permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real. Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de realidade, principalmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (YIN, 2001).

Yin (2001) aponta que, a adoção do método do estudo de caso é adequada quando são propostas questões de pesquisa do tipo “como” e “por que”, e nas quais o pesquisador tenha baixo controle de uma situação que, por sua natureza, esteja inserida em contextos sociais, ou em situações nas quais o fenômeno sob investigação ainda não é totalmente compreendido e não se conhecem as variáveis relevantes ao problema. Por isso, o método de estudo de caso é adequado para responder ao problema da pesquisa em questão, ao pretender responder à questão: como se deu a criação e a consolidação do projeto social Arquitetura na Periferia?

As fases do estudo de caso, de acordo com Yin (2001), compreendem cinco componentes de um projeto de pesquisa: as questões de um estudo; suas proposições, se houver; sua(s) unidade(s) de análise; a lógica que une os dados às proposições; e os critérios para se interpretar as descobertas. A escolha da unidade de análise, desta pesquisa, o projeto Arquitetura na Periferia, ocorreu após o conhecimento do projeto, através da divulgação de um vídeo da TV UFMG, nas redes sociais, no ano de 2017. Também por já ter estudado e pesquisado sobre o tema desigualdades de gênero, em curso de especialização em Políticas Públicas com Ênfase em Gênero e Raça, concluído em 2012, na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). O primeiro contato com o projeto Arquitetura na Periferia ocorreu através de um e-mail, em março de 2019, em que foi descrita a intenção de realizar a pesquisa utilizando o projeto como estudo de caso. O segundo contato ocorreu durante o processo de inscrição e participação no *workshop* e mutirão, realizados nos dias 05 e 06 de abril de 2019, respectivamente.

Considerando que, a análise de conteúdo, “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2006, p. 31), que foca nos significados das falas e não somente em suas evidências, a técnica de análise utilizada para a pesquisa é baseada na análise temática ou categorial. A realização da análise de conteúdo foi realizada a partir de categorias temáticas, através de uma relação entre o teórico e os dados coletados. Foram identificadas categorias para interpretação de dados, sendo algumas delas: a criação do projeto, trajetória do projeto, resultados do projeto, autonomia das mulheres, desigualdades de gênero, acesso à moradia, dimensão política. A categorização foi realizada através de três eixos de análise. O primeiro eixo refere-se ao processo de criação do projeto Arquitetura na Periferia e seus resultados; o segundo eixo refere-se à percepção das mulheres participantes do projeto

Arquitetura na Periferia; já o terceiro eixo refere-se ao fomento das mulheres participantes do projeto quanto às reflexões sobre o direito à moradia.

A fonte de dados para a pesquisa não foi única. Foram utilizadas fontes primárias e secundárias. Como fontes primárias, foram utilizadas as anotações e observações da participação no *workshop* e no mutirão. Para registrar as observações do cotidiano das participantes do projeto, em um dia de mutirão, foi utilizado o diário de campo. Como fontes secundárias, foram utilizados trabalhos acadêmicos, como a dissertação de mestrado da idealizadora do projeto Arquitetura na periferia, Carina Guedes de Mendonça, com o título Arquitetura na Periferia: uma experiência de assessoria técnica para grupo e mulheres. Além de trabalhos acadêmicos, foram utilizados dados das redes sociais do projeto e vídeos disponibilizados em sites da internet, com entrevistas e reportagens sobre o projeto Arquitetura na Periferia, em que mulheres participantes do projeto e profissionais que atuam no projeto, dão depoimentos sobre sua participação no projeto. Durante a busca pelos vídeos na internet, foram encontrados oito vídeos, com veiculação na mídia, como redes sociais, Youtube e programas de televisão, entre os anos de 2014 e 2019, conforme tabela 1.

Tabela 1 – Fontes em vídeos

Nome do vídeo	Data	Local
Arquitetura na Periferia: Uma experiência	28/09/2014	Canal do Youtube: Carina Guedes
Projeto Arquitetura na Periferia	23/05/2017	Canal do Youtube: TV UFMG
Arquitetura Periferia – Jornal Minas	03/02/2017	Canal do Youtube: Jornal Minas
Aceleradores do Bem - Projeto Arquitetura na Periferia	01/11/2017	Canal do Youtube: 98 Live

Continua

Nome do vídeo	Data	Local
Oficina de Construção - Arquitetura na Periferia	04/06/2018	Canal do Youtube: Arquitetura na Periferia Brasil
Arquitetura na Periferia	17/10/2019	Canal do Youtube: Fundação Banco do Brasil
Mulheres constroem a própria casa em projeto de arquitetura de Belo Horizonte	02/06/2019	Reportagem exibida no programa de TV Fantástico/Rede Globo
Eu apoio a Arquitetura na Periferia	06/05/2019	Canal do Youtube: Arquitetura na Periferia Brasil

Fonte: Elaboração própria (dezembro 2019).

Para análise e interpretação dos dados dos vídeos, foram transcritas as falas principais, das participantes do projeto Arquitetura na Periferia. Foram selecionadas as falas que estão de acordo com os objetivos da pesquisa e que fazem relação com o teórico. Para realizar a análise de conteúdo foram selecionadas as falas das participantes do projeto, nos vídeos, no diário de campo, dados quantitativos sobre a trajetória do projeto Arquitetura na Periferia, disponibilizados em *workshop*, dados de redes sociais do projeto, reportagens e da dissertação da arquiteta Carina Guedes de Mendonça, concluída em 2014.

Os sujeitos da pesquisa são as participantes do projeto Arquitetura na Periferia. São mulheres que já participaram ou ainda participam do projeto. Entre elas estão as mulheres que participaram da apresentação no *workshop*, as mulheres que participaram do mutirão, as mulheres que atuam no projeto como profissionais e as participantes do projeto que deram depoimentos em vídeos. Abaixo na tabela 2, consta a descrição dos sujeitos da pesquisa. Não consta na tabela 2, os nomes de todas as participantes do mutirão, realizado no dia 06 de abril de 2019. Consta na tabela 2, apenas os nomes das mulheres que são ou foram integrantes do projeto. Participaram do mutirão, no dia 06 de abril, em torno de 14 mulheres, entre elas,

estudantes, profissionais de diversas áreas do conhecimento. O *workshop* e mutirão realizados, respectivamente nos dias 05 e 06 de abril de 2019, foi aberto ao público, com inscrição prévia, através de e-mail e pagamento através de depósito bancário. Os valores arrecadados com os eventos são utilizados para arcar com as despesas do projeto.

Tabela 2 – Sujeitos da pesquisa

Nome	Identificação	Local
Carina Guedes de Mendonça	Arquiteta, idealizadora do projeto	Vídeos e mutirão
Cenir Silva	Mestra de Obra	Vídeos e mutirão
Luciana da Cruz	Participante do projeto e Diretora de relações comunitárias	Vídeos, <i>workshop</i> e mutirão
Eliane Martins	Participante do projeto	Vídeos
Cely da Costa Silva	Participante do projeto	Vídeos
Cristiane Silva	Participante do projeto	Vídeos e mutirão
Rosângela Ladislau	Participante do projeto	Vídeos
Ana Paula da Cruz	Participante do projeto	Vídeos
Adriana Martins	Participante do projeto	Vídeos
Flávia Fonseca	Participante do projeto	Vídeos
Elaine Cabral	Participante do projeto	Vídeos
Cheyenne Miguel	Participante do projeto e Diretora de Relações Comunitárias	<i>Workshop</i>
Mariana Borel	Arquiteta do projeto	<i>Workshop</i>

Fonte: Elaboração própria (dezembro 2019).

5 ANÁLISE DE CONTEÚDO

5.1 O projeto Arquitetura na Periferia e sua trajetória

O projeto Arquitetura na Periferia surgiu, através da experiência empírica, realizada durante a pesquisa para dissertação de mestrado, da arquiteta Carina Guedes de Mendonça, no ano de 2013. Iniciou-se com um processo de assessoria técnica para mulheres de famílias de baixíssima renda, para melhoria de suas moradias, através de um processo autônomo de autoprodução e autogestão, em grupo. Conforme Kapp et al., (2009), citada por Carina Guedes de Mendonça (2014), em sua dissertação, moradias autoproduzidas trata-se de um processo de construção, em que as decisões e produções do espaço são realizados pelos próprios moradores, através da autoconstrução ou de terceiros.

O projeto surgiu no meu mestrado, que eu entrei justamente com a inquietação de exercer uma profissão que não dava conta de atender a maior demanda do Brasil, que justamente nas periferias, onde as pessoas constroem, até autoconstroem as casas sem auxílio técnico, que pode gerar, muitas vezes, desperdício de material, de tempo ou até problemas mesmo estruturais. A ideia era levar essa informação, esse serviço, assessoria técnica pra essa população (Carina Guedes, participante do vídeo, UFMG, 2017, 0:10 min.).

O projeto Arquitetura na Periferia tem como objetivo melhorar a moradia das mulheres da periferia, por meio de um processo onde elas são apresentadas às práticas e técnicas de projeto e planejamento de obras. As mulheres recebem um microfinanciamento, para que conduzam com autonomia e sem desperdícios as reformas de suas casas. O projeto tem como missão promover a inclusão da mulher no âmbito das decisões acerca da construção da casa e estimular a sua autoconfiança e autoestima. O projeto oferece assessoria técnica pautada pela confiança, cooperação e compartilhamento de informações. Carina Guedes demonstra, em sua fala, esse processo de autoconfiança e cooperação entre as mulheres participantes ao dizer que "elas é que decidem quanto que elas vão poder pagar por mês. A gente não tem juros, a gente não tem multa, não tem contrato. É tudo na base da confiança" (Carina Guedes, participante da reportagem, Rede Globo, 2019, 3:13 min.).

Sobre o objetivo do projeto, Carina Guedes disse que o objetivo é "passar o conhecimento, não é oferecer um projeto de arquitetura. Então elas aprendem a

medir, elas aprendem a desenhar, elas aprendem a projetar, fazem exercícios pra descobrir o que é que cabe naquele espaço” (Carina Guedes, participante da reportagem, Rede Globo, 2019, 2:20 min.). Ainda, conforme Carina Guedes, o método pautado no compartilhamento de conhecimento tem o objetivo de transformação das mulheres participantes:

O Arquitetura na Periferia é um projeto de assessoria técnica para mulheres da periferia, de melhoria da moradia. Mas, como a gente trabalha com o método que é pautado pelo compartilhamento do conhecimento, então é um processo de aprendizado, hoje a gente já diz que o nosso objetivo é a transformação das mulheres (Carina Guedes, participante do vídeo, Fundação Banco do Brasil, 2019, 1:29 min.).

Para início da experiência, foi escolhida a ocupação Dandara, em Belo Horizonte, que contou com um grupo de três mulheres. Os recursos financeiros eram das próprias participantes, que decidiram qual valor poderiam contribuir mensalmente para pagamento de um empréstimo. A arquiteta Karina Guedes de Mendonça disponibilizou nove mil reais, para empréstimo sem juros, para o primeiro grupo de participantes.

Para dar início ao primeiro grupo, primeiramente foi realizada uma mobilização das mulheres na comunidade Dandara. Atualmente a participação no projeto acontece através de “boca a boca”, uma mulher conta para a outra sobre o projeto e demonstra o interesse em participar. As ações do projeto são divididas em duas etapas: planejamento e acompanhamento, através de encontros semanais, na própria comunidade. Utiliza espaços públicos ou as próprias moradias das mulheres participantes para os encontros semanais. Na primeira etapa, são realizadas a elaboração dos projetos, rodas de conversa e oficinas. A segunda etapa prevê a definição e realização do empréstimo, as compras e a realização das obras. A arquiteta Carina Guedes explica as etapas do projeto em sua fala transcrita abaixo:

A gente faz um pequeno grupo de mulheres e começa um processo de planejamento que dura de quatro a seis meses. São encontros semanais, onde elas vão aprendendo cada etapa, desde o desenho, como que faz o levantamento da casa, como que mede. Elas levantando e desenhando a casa, elas começam a enxergar aquele espaço de uma outra forma. Elas aprendem também a fazer orçamento, algumas coisas de finanças pessoais. Elas vão receber um pequeno empréstimo também, pra começar essa obra (Carina Guedes, participante do vídeo, 98 FM, 2017, 1:11).

O projeto prevê a realização de oficinas de levantamento, oficinas de finanças, oficinas de quantitativos e oficinas de construção. Já a realização das obras acontece através de mutirões. Atualmente o projeto também realiza campanhas e *workshops* para arrecadação de recursos.

Conforme dados obtidos no *workshop* do projeto Arquitetura na Periferia, realizado no dia 05 de abril de 2019, em Belo Horizonte, durante o ano de 2015, o projeto ficou paralisado e retomou as atividades no ano de 2016. Ano que o projeto conseguiu apoio da instituição *BrazilFoudantion* com recurso de R\$18.300,00. Passou então, a atender mais uma comunidade, a ocupação Eliana Silva, em Belo Horizonte. Em 2018, o projeto iniciou com um plano de captação de recursos, que contou com parcerias, *workshops*, produtos como, camisetas e adesivos e a criação da plataforma de doares mensais, através da campanha denominada Abrace a Periferia. No ano de 2018 o projeto captou R\$80.000,00. O projeto utiliza as redes sociais da internet para divulgação de suas ações e campanhas. O projeto já teve site, que atualmente está desativado. No ano de 2019 o projeto arrecadou R\$170.000,000, conforme tabela 3, abaixo:

Tabela 3 – Arrecadação de recursos do projeto Arquitetura na Periferia 2019

Forma de captação de recursos	Valor arrecadado (R\$)
Doações pontuais	55.000,00
Prêmios	50.000,00
Apoiadores mensais	27.000,00
Parcerias e serviços	26.300,00
<i>Workshops</i> e produtos	11.700,00
Total	170.000,00

Fonte: Arquitetura na Periferia (2020)

Os recursos arrecadados no ano de 2019, foram utilizados, durante o ano, com despesas operacionais, R\$115.500,00; com despesas administrativas, R\$16.000,00; com empréstimos de microcrédito para as mulheres participantes do projeto, R\$8.500,00. O projeto totalizou 140 mil reais investidos em 2019.

O projeto iniciou com a atuação de apenas duas pessoas em sua equipe, no ano de 2013. Atualmente o projeto conta com uma equipe interdisciplinar, pois passou a ter atuação de profissionais de outras áreas, como Psicologia e Serviço Social, que

trabalham de forma voluntária. A equipe é composta por profissionais voluntários e não voluntários. A equipe do projeto Arquitetura na periferia, é composta atualmente por 16 mulheres. Também fazem parte da equipe, mulheres que foram participantes do projeto, como exemplo da Luciana da Cruz, que atua como Diretora de Relações Comunitárias. Conforme dados apresentados em *workshop*, no dia 05 de abril de 2019, até abril de 2019 o projeto atendeu 31 mulheres e indiretamente mais de 150 pessoas foram beneficiadas (ARQUITETURA NA PERIFERIA, 2019).

Conforme dados divulgados pelo projeto Arquitetura na Periferia (2020), em suas redes sociais, durante o ano de 2019 o projeto teve 19 projetos de reforma concluídos, 11 obras concluídas, 8 estão em andamento. Realizou 12 oficinas de construção, 12 mutirões, 03 *workshops* abertos ao público com a participação de 44 pessoas, com a opção de participação em um mutirão, que são chamados de Mão na Massa. Além dos *workshops* abertos ao público, foram realizados 02 *workshops* e 04 mutirões, em parceria com a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), que contemplou 40 alunos.

Conforme dados apresentados na tabela 4, a seguir, o projeto ocorreu com 04 grupos de mulheres, durante o ano de 2019. Além da atuação dos grupos em Belo Horizonte nas comunidades Dandara, Eliana Silva e Paulo Freire, o projeto atuou em São Paulo/SP, no distrito de Parelheiros, em parceria com o Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (IBEAC), com um grupo de mulheres gestantes. Nessa parceria, o projeto teve 05 casas reformadas, realizou 08 oficinas de construção e contemplou 10 mulheres que foram beneficiadas com o projeto Arquitetura na Periferia. Atuou ainda no distrito de Ravenna, pertencente ao município de Sabará/MG, com um grupo de mulheres (ARQUITETURA NA PERIFERIA, 2020).

Tabela 4 – Locais de atuação do projeto Arquitetura na Periferia

Grupos/ano	2013 2014	*2015	2016	2017	2018	**2019
Grupos	Grupo 1	—	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	4 grupos
				Grupo 1	Grupo 2	
					Grupo1	

Continua

Continua

Grupos/ano	2013	2014	*2015	2016	2017	2018	**2019
Comunidades	Dandara		—	Dandara	Dandara e Eliana Silva	Dandara Eliana Silva e Paulo Freire	BH, Parelheiros/ SP e Ravena/MG

Fonte: Arquitetura na Periferia (2019 e 2020). Adaptado pelo autor.

Notas: dados referentes aos anos de 2013 a 2018 obtidos em *workshop*, em 05 de abril de 2019, em Belo Horizonte/MG.

* No ano de 2015 o projeto Arquitetura na periferia ficou paralisado.

**dados referentes ao ano de 2019, são da rede social Facebook Arquitetura na Periferia, no dia 20 de janeiro de 2020.

Ainda durante o ano de 2019, o projeto realizou o primeiro curso de capacitação em alvenaria para mulheres, com a participação de 16 mulheres participantes do projeto, de 03 comunidades, realizado gratuitamente. O curso teve o objetivo de aprimorar os aprendizados iniciais das oficinas e dos mutirões. Foram inauguradas 2 ferramentotecas, para que mulheres de três comunidades (Dandara, Eliana Silva e Paulo Freira), tenham acesso gratuito às ferramentas necessárias para suas obras. Realizou ainda mais de 150 atendimentos individuais de Psicologia e Serviço Social, para as participantes do projeto (Arquitetura na Periferia, 2020).

O projeto Arquitetura na Periferia foi selecionado para participar da XII Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, que aconteceu no Centro Cultural São Paulo, entre os dias 13 de setembro de 2019 a 08 de dezembro de 2019, com a exposição Arquiteturas do Cotidiano, no eixo temático relatos do cotidiano. Outro reconhecimento importante para o projeto foi o recebimento do prêmio Tecnologias Sociais 2019, da Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social, no 2º lugar da categoria Cidades Sustentáveis e Inovação Digital. A premiação ocorreu no dia 16 de outubro de 2019.

Uma outra ação importante do projeto, foi a fundação do Instituto de Assessoria à Mulher e Inovação (IAMÍ), em 2018. A criação do instituto, pelo projeto, tem o objetivo de apoiar o desenvolvimento de novos projetos voltados para a emancipação das mulheres e suas famílias.

5.2 A percepção das mulheres participantes do projeto Arquitetura na Periferia e os desdobramentos do projeto em seu cotidiano

O projeto Arquitetura na Periferia traz oportunidades para as mulheres realizarem atividades que nunca tinham sido realizadas por elas. Geralmente atividades que geralmente são realizadas por homens. Pela histórica desigualdade de gênero e divisão sexual do trabalho, em que às mulheres são atribuídas atividades consideradas delicadas e de cuidados (OSTERNE, 2001; SOUZA, 2013; BARDIN, 2006). A fala da participante do projeto Arquitetura na Periferia, Luciana da Cruz, em um dos vídeos analisados, demonstra a felicidade em realizar atividades diferentes das que realizava em seu cotidiano, ao participar do projeto: “nó gente, a gente vai aprender a medir as coisas, aprender a fazer coisas diferentes, que a gente nunca tinha feito, né” (Luciana da Cruz, participante do vídeo Guedes; Figueiredo, 2014, 0:50 min.).

O relato de Flávia, participante do projeto, em um dos vídeos, reflete a divisão sexual do trabalho, em que ela relata o cotidiano das mulheres, em que é ela a responsável pelo cuidado da casa e o esposo trabalha fora do ambiente doméstico: “porque é ela que vai ficar em casa, igual eu que fico dentro de casa, meu esposo sai pra trabalhar, entendeu. Então como diz, as mulheres que mandam” (Flávia Fonseca, participante do vídeo, Jornal Minas, 2017, 3:08 min.).

Segundo Luciana, em sua fala, em um dos vídeos, ela relata que após a participação no projeto, percebeu que é capaz de realizar coisas que acreditava não ter capacidade. Percebe-se, em sua fala, sua autonomia, autoconfiança e emancipação:

Esse projeto, ele me mostrou que não tem uma área específica pra mim. E posso tá na onde eu quiser. Não tem nada que me impeça de construir a minha casa. E aí a gente se esbarra no conhecimento, de saber fazer o trabalho e também na força física né, porque somos mulheres e gente não vai conseguir carregar os tijolos, carregar o concreto. E eu acabei descobrindo que eu tenho essa força (Luciana da Cruz, participante do vídeo, UFMG, 2017, 2:48 min.).

A participante do projeto Adriana, reconhece em sua fala, que ao participar do projeto, em atividades que nunca tinha realizado, como fazer o projeto da reforma da casa, sentiu-se valorizada ao conseguir realizar as atividades propostas pelo projeto: “a gente ser humano, a gente assusta muito no primeiro instante. Depois que a gente

vê que tem capacidade é muito fácil. Sabe quando você se sente assim, é, uma pessoa que tem valor né, alguma coisa, pode fazer alguma coisa” (Adriana Martins, participante do vídeo, Guedes; Figueiredo, 2014, 1:27min).

Percebe-se também o processo de transformação na vida de Luciana ao participar do projeto Arquitetura na Periferia. Atualmente Luciana da Cruz, que é conhecida como Lu Dandara, trabalha no projeto Arquitetura na Periferia como Diretora de Relações Comunitárias. Luciana foi integrante do primeiro grupo do projeto, iniciado em 2013, que disse em um dos vídeos: “hoje no projeto eu sou Diretora de Relações Comunitárias. Eu ajudo a formar novos grupos e orientar e acompanhar essas meninas durante todo o processo” (Luciana da Cruz, participante do vídeo Arquitetura na Periferia, 2019, 1:12 min). Em outro relato Luciana conta a transformação que o projeto trouxe para sua vida, com o acesso à esfera pública. A percepção de que ela não é mais apenas a cuidadora da família, mas é também participante de um projeto comunitário, para garantia de direitos:

Quando a gente se encontra, o que a gente tem pra falar é o projeto, é alguma ideia, alguma coisa. Sabe quando se tá andando na rua, cê vai falar com uma pessoa, em vez de falar: E aí como tá, como é que tá a família? Não, aí você fala assim: Aqui, e aí? E o projeto, cê conseguiu resolver e tal? (Luciana da Cruz, participante do vídeo: Guedes; Figueiredo, 2014, 2:52 min.).

Na fala da participante do projeto, Cristiane, é possível perceber a importância das mulheres se organizarem e trabalharem em grupo, para conquistarem direitos e como consequência contribuir para a redução da desigualdade de gênero: “uma dando a mão pra outra gera aquele ar de coragem, entendeu, entre as mulheres. Assim, ela bater a mão no peito e falar, eu consigo eu posso, por que não?” (Cristiane Silva, participante da matéria exibida na Rede Globo, 2019, 6:22 min.) Adriana também relatou sobre a importância da união das mulheres após participarem do projeto, em um dos vídeos sobre o projeto Arquitetura na Periferia: “foi maravilhoso, porque uniu nós. Então, através disso, eu já tô fazendo parte de associação junto com elas. Já tô né, fazendo outros tipos de plano com elas” (Adriana Martins, participante do vídeo, Guedes; Figueiredo, 2014, 3:04 min). Adriana contou ainda que, aprendeu a trabalhar em grupo de mulheres, conforme transcrição de sua fala no mesmo vídeo:

Durante o processo a gente trabalhando em grupo, a gente aprendeu a respeitar um o lado da outra e pedir opinião também delas. Né, porque, por exemplo, a Luciana, a palpadeira, dava palpite no meu e eu dava no ela. Tinha

vezes que nós nem concordava (Adriana Martins, participante do vídeo, Guedes; Figueiredo, 2014, 2:20 min).

Assim como a participante Adriana, a participante Luciana, ressalta em outra fala, novamente, como ela entrou em um espaço que não era dela. O espaço público, que a participante Luciana entrou é o espaço em que os homens possuem mais prestígio e poder. À mulher tem mais prestígio quando está no espaço privado, o doméstico (OSTERNE, 2001; SOUZA, 2013). Percebe-se a desigualdade sofrida por Luciana, em sua fala, ao dizer que outras pessoas falavam que o espaço, que ela ocupa atualmente, não era dela: “eu entrei num espaço, que até então falavam que não era meu e isso transforma a gente como pessoa” (Luciana da Cruz, participante do vídeo *Arquitetura na Periferia*, 2019, 0:53 min.).

O projeto *Arquitetura na Periferia* ao utilizar o método de ensinar as mulheres, através de técnicas de projeto, planejamento e microfinanciamento, para conduzirem suas obras com autonomia e sem desperdício, o projeto consegue fazer com que a mulher participante tenha autonomia. As mulheres passam a acreditar em si mesmas. Esse processo faz com que as mulheres possam lutar por seus direitos e serem reconhecidas como cidadãs.

As mulheres participantes do projeto, residem em regiões periféricas de Belo Horizonte e de outras cidades, com a ampliação do projeto em 2019. São mulheres que geralmente estão em situações de vulnerabilidades sociais, por falta de acesso à políticas públicas, como saneamento básico, creches, escolas, saúde, transporte e moradia digna. Considerando que, é a mulher que sofre mais as consequências da falta de acesso às políticas citadas, por serem as que passam a maior parte do tempo no cuidado da casa (SOUZA, 2013). Mediante essa situação, conforme a falas transcritas, da arquiteta Carina Guedes, abaixo, é possível confirmar a percepção da idealizadora do projeto tem sobre a mudança na vida das mulheres participantes do projeto, mediante a falta de acesso às políticas públicas. Carina relata ainda, o motivo de ter decidido por ter apenas mulheres participantes do projeto:

Eu percebi que, é, compartilhar o conhecimento pra pessoas que tem o acesso negado à tantas coisas, se vê, elas têm dificuldades de conseguir creche pros filhos, dificuldades de ter acesso à saúde, dificuldades até de conseguir acesso até à um saneamento básico. Quando elas têm acesso à informação, elas sentem um poder, que você implanta ali, que a pessoa vê que ela é capaz de fazer as coisas. Então a informação, é muito poderosa né. A gente tende a achar que só o dinheiro né, que é o capital que gira aí, mas

a informação é um deles também (Carina Guedes, participante do vídeo, 98 FM, 2017, 2:37 min.).

Trabalhar com mulheres, foi por alguns motivos, um deles porque a mulher, é ela quem passa mais tempo dentro da casa, seja trabalhando, seja fazendo a manutenção daquele espaço. Só que na hora de decidir como esse espaço vai ser construído, ela é excluída. Os homens dominam a construção civil. Então é muito importante que ela faça parte desse processo. Outro motivo é que eu estudei algumas experiências mundiais de microcrédito e elas mostram que as mulheres, quando elas recebem um benefício, elas tendem a promover melhorias pra mais pessoas (Carina Guedes, participante do vídeo, UFMG, 2017, 0:48 min.).

A divisão sexual do trabalho ao ser percebida como uma categoria histórica, recebe diferentes contornos e reflexos, conforme as transformações das forças produtivas. A divisão sexual do trabalho não é apenas uma simples divisão de atividades entre os gêneros, é além disso, uma relação de poder dos homens sobre as mulheres (SOUZA, 2013; KERGOAT, 2000). O relato abaixo, de Luciana da Cruz, participante do projeto, demonstra essa relação de poder/dominação dos homens sobre as mulheres:

Como a mulher não está inserida na obra, todo mundo pensa que ela não sabe o que está falando. Eu ouvi do pedreiro questionamento do tipo: O que você tem de idade eu tenho de profissão. Eu respondi: aprendi em seis meses tudo que você não aprendeu na profissão (Luciana da Cruz, participante da reportagem do Jornal Estado de Minas, em 23 out. 2017).

Cenir, a mestra de obras, do projeto Arquitetura na Periferia, aponta, em sua fala abaixo, em um dos vídeos, sua percepção sobre o motivo em que a construção civil é uma área com maior presença dos homens. Assim, como, o relato da idealizadora do projeto Arquitetura na Periferia, Carina, que também aponta a dominação sócio-histórica dos homens, na construção civil. É possível observar nos relatos a histórica desigualdade de gênero, sofrida pelas mulheres no mercado de trabalho e na área de construção civil:

A construção civil é um ponto de trabalho dominado por homens. Eu acho que mais pelo machismo mesmo, deles acharem que as mulheres são sensíveis, todo mundo muito delicada e que não são capazes de fazer. Só que tem várias maneiras de se fazer. É uma coisa que a gente consegue manobrar bem (Cenir Silva, participante do vídeo, Fundação Banco do Brasil, 2019, 1:48 min.).

E na hora de decidir como é que ele vai ser construído, elas ainda são excluídas. Isso é confirmado pelos relatos que a gente recebe, até do Pedreiro mesmo. Até o Pedreiro manda na construção. Às vezes ela quer de um jeito, ele fala que não pode ser desse jeito e faz de outro. Então a gente quer incluir a mulher nesse espaço de decisão. De como o espaço vai ser construído (Carina Guedes, participante do vídeo, 98 FM, 2017, 1:40 min.).

Luciana demonstra ainda, em seu relato, que se tornou protagonista de sua história e reconhece que, após participação no projeto, tem direitos como cidadã: “eu chamo isso de autoestima. Hoje, consigo olhar para a pessoa de maneira nivelada. Fiz também pequenas reformas em mim. Porque, se você me visse no início do projeto, eu era outra pessoa” (Luciana da Cruz, participante da reportagem do Jornal Estado de Minas, em 23 out. 2017). Luciana tem a percepção que as mulheres precisam de igualdade de direitos, em sua fala para uma reportagem: “lugar de mulher é onde ela quiser e fazendo o que quiser” (Luciana da Cruz, participante da reportagem do Jornal Estado de Minas, em 23 out. 2017).

Com a participação no projeto Arquitetura na Periferia, as mulheres passaram a participar de espaços públicos que antes pouco ou não frequentavam. Pois, as reuniões do projeto, além de utilizar as casas das participantes como local para se reunirem, o projeto utiliza também espaços públicos da comunidade, como associação de bairro e creches para suas reuniões e a. Além disso, o projeto traz oportunidade, para as mulheres do projeto, participarem de parcerias, como por exemplo o curso de bijuterias em bambu, realizado em Ravena, distrito do município de Sabará/MG e com isso, a oportunidade de e conhecerem outras mulheres da comunidade e fora da comunidade. Cristiane é uma das mulheres do projeto que participou do curso de bijuterias em bambu. Durante o mutirão realizado em sua casa, no dia 06 de abril de 2019, para construção de seu quarto, Cristiane mostrou com orgulho, as bijuterias que fez durante e após o curso. Abaixo um trecho do diário de campo:

Após mostrar a planta de sua casa, Cris mostrou para as participantes uma caixa com algumas bijuterias que faz para vender. Relatou que participou de uma oficina de artesanato com bambu em Sabará/MG, através de parceria do Projeto Arquitetura na Periferia. Relatou que tem algumas encomendas e dificuldades para comprar materiais e máquinas. Relatou que já conseguiu algumas máquinas, como a doação de uma furadeira, doada pela Cenir e a doação de um pirógrafo por um amigo (Trecho do diário de campo, 06 abr. 2019).

É possível perceber através dos relatos das participantes do projeto social Arquitetura na Periferia, que as participantes são mulheres que lutam pelos seus

direitos. O projeto Arquitetura na Periferia trouxe oportunidades para as mulheres conquistarem o direito à moradia digna, através de um método, que traz autonomia e emancipação feminina.

5.3 A percepção das mulheres participantes do projeto quanto às reflexões sobre o direito à moradia.

O direito à moradia digna não é efetivado no Brasil. Apesar do direito à moradia constar na Constituição Federal 1988, em diversas legislações do país e documentos internacionais, a população ainda sofre com a falta de moradia. Mediante a negação desse direito pelos governantes, a população, com maior dificuldade socioeconômica, busca formas de moradia que estão em seu alcance, por falta de acesso às políticas públicas de habitação. À essa população, lhe resta construir suas casas em regiões periféricas, distantes dos grandes centros urbanos (SIQUEIRA, 2006; FERNANDES, 2003).

A população da periferia sofre com a falta de moradia digna, por terem suas casas construídas sem assessoramento técnico, muitas vezes, autoconstruídas (MENDONÇA, 2014). Conforme, a fala da arquiteta Carina Guedes, em um dos vídeos, é possível perceber a sua preocupação com a moradia digna para as pessoas da periferia:

A falta de assessoria técnica na construção, ela gera muitos desperdícios. Então, as pessoas, elas perdem tempo, perdem dinheiro, perdem materiais e acabam construindo, às vezes, casas com problemas de estrutura, problemas de insalubridade, de ventilação, de iluminação. Coisas que a informação técnica poderia né, evitar que acontecesse. utilizada (Carina Guedes, participante do vídeo, 98 FM, 2017, 0:45 min.).

Na fala da Carina acima, ela demonstra ainda as consequências das construções sem assessoramento. Apesar da assistência técnica em habitação de interesse social ser garantida em lei, pela Lei 11.888 de 2008, para as famílias de baixa renda, a aplicação da lei não é existente no país. Isso implica em casas construídas de forma insegura e sem dignidade para os moradores, que geralmente são os que estão na periferia. Carina enfatiza, nas falas a seguir, que não tem conhecimento da aplicação da Lei, 11.888 de 2008: “já fez dez anos que ela existe e até hoje poucas pessoas têm o conhecimento, inclusive pessoas da área. Aqui em

Belo Horizonte eu desconheço algum caso em que ela tenha sido utilizada (Carina Guedes, participante do vídeo, Rede Globo, 2019, 2:57 min.). Carina Guedes elucida ainda, sua percepção de moradia na periferia sem acesso à assistência técnica: “só de andar pela cidade a gente consegue perceber que a maioria das casas são construídas sem acesso aos serviços prestados por arquitetos, engenheiros ou conhecimento técnico da área né” (Carina Guedes, participante do vídeo, Fundação Banco do Brasil, 2019, 0:15 min.).

A luta por moradia digna é realizada, em maior parte, por mulheres da periferia, por sentirem, com mais intensidade, as dificuldades da falta de acesso à moradia digna, com políticas públicas de infraestrutura, saneamento básico e acesso aos serviços de educação, saúde, lazer, assistência social, transporte, entre outras (SOUZA, 2013). As participantes do projeto Arquitetura na Periferia, por residirem em periferias, geralmente advindas de ocupações, através do movimento social por moradia, possuem histórico de luta por direitos. Muitas delas participaram do movimento por moradia, para realizarem a ocupação no local onde residem atualmente. Essa participação foi possível observar durante o *workshop*, realizado no dia 05 de abril de 2019, em que algumas participantes do projeto deram depoimentos. Adriana Martins, em sua fala, em um dos vídeos, demonstra o histórico de luta das mulheres da ocupação Dandara, em Belo Horizonte, ao relatar sobre a ideia das próprias participantes do projeto Arquitetura na Periferia, realizarem as obras em suas casas e não apenas o projeto/desenho: “porque aqui no Dandara, as mulheres do Dandara, são muito lutadeiras sabe. Luta muito pelo aqueles objetivos. Então nós achamos, se nós mesmo conseguisse fazer alguma coisa e não dependesse de pagamento, o dinheiro ia render mais” (Adriana Martins, participante do vídeo, Guedes; Figueiredo, 2014, 4:34 min.).

Foi possível perceber que a participante do projeto Cristiane Silva e sua família, também é envolvida na questão da luta por moradia. Durante o mutirão realizado em sua casa, no dia 06 de abril de 2019, ao demonstrar interesse em utilizar um grito de guerra do Movimento de Luta nos Bairros (MLB), em certo momento. Abaixo um trecho do diário de campo do mutirão realizado na casa da Cristiane:

Houve um momento para fotos e gravação de um vídeo, em que a Cris ensinou e puxou um grito de guerra: “lugar de mulher é atrás do tanque de GUERRA”, solicitado pela arquiteta Carina Guedes. Quando Carina solicitou o grito de guerra Cris, perguntou se podia ser um do MLB, Carina respondeu

que poderia ser qualquer um que ela lembrasse (Trecho do diário de campo, 06 abr. 2019).

As mulheres ao participarem de movimentos sociais de moradia, lutam em primeiro momento por moradias dignas em função da divisão social do trabalho imposta historicamente. Mas, ao sair do ambiente privado e reivindicar um direito, elas participam da esfera pública, local historicamente atribuído às atividades dos homens. Sendo assim, as mulheres passam a disputar poder na esfera pública (SOUZA, 2013). O projeto Arquitetura na Periferia ao utilizar locais públicos, dentro das comunidades, para reuniões do projeto, faz com que as mulheres saiam do ambiente privada e estejam mais participativas no meio público. Portanto, o projeto possibilita que as mulheres participantes tenham maior engajamento político na luta pelos direitos das mulheres.

A opção da arquiteta Carina Guedes de Mendonça em implementar o projeto sem nenhum vínculo com instituições financeiras ou públicas, demonstra que a idealizadora do projeto conhece a luta do movimento por moradia e das dificuldades que esta população tem junto à esfera pública. Uma das dificuldades citadas por Carina Guedes é a burocracia em participar de programas de habitação governamentais, que faz com que a população da periferia tenha maior dificuldade de acesso à moradia digna (MENDONÇA, 2014). Carina Guedes relata a opção de usar sua bolsa de estudos para iniciar o projeto; “a ideia desde o começo, era que o projeto pudesse ser independente de qualquer vínculo com instituições financeiras ou do governo né (Carina Guedes, participante do vídeo, Jornal Minas, 2017, 0:56 min.).

Observa-se que o projeto Arquitetura na Periferia possui mulheres participantes, que sofrem com a falta de moradia digna. Participantes que fizeram parte do movimento social pela luta da moradia, pois as participantes do projeto, residentes em ocupações, conhecem ou têm o histórico de participação no planejamento e instauração de sua ocupação. As mulheres integrantes da equipe são conscientes dos direitos dos cidadãos, especialmente das mulheres, ao decidirem que as mulheres seriam as beneficiárias do projeto, pois possuem a percepção que são as mulheres, as que mais sofrem pela falta de moradia digna.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto social Arquitetura na Periferia possui sete anos de trajetória e participação das mulheres da periferia. O projeto teve início, através da iniciativa da arquiteta Carina Guedes de Mendonça, durante sua dissertação de Mestrado, na UFMG, no ano de 2013. A inquietação, durante seu percurso acadêmico e profissional, pelo direito à moradia digna para a população menos privilegiada socioeconomicamente e da atuação do arquiteto não apenas para uma classe social elitizada, fez com que o projeto continuasse no decorrer dos anos e com ampliação do número de mulheres beneficiadas. Em sua trajetória, o projeto passou a realizar ações, que foram implementadas para fomentar a autonomia e transformação das mulheres. Foram criados cursos para as participantes, parcerias com outras instituições, ferramentotecas, *workshops* e mutirões abertos ao público, campanhas para captar recursos, venda de produtos. Além disso, o projeto recebeu prêmio importante da Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social, em 2019. O projeto, além de ampliar os grupos, nas comunidades de Belo Horizonte, passou a atuar em outros municípios. O projeto também ampliou a sua equipe, no decorrer de sua trajetória. Atualmente o projeto tem profissionais de diversas áreas, além da arquitetura e construção civil. O projeto conta com profissionais de psicologia, serviço social, comunicação social e estagiários. Foi possível observar, durante o *workshop*, o desejo da equipe, que todos os profissionais participantes possam receber um salário digno pelo trabalho desenvolvido e não precisar de ter profissionais voluntários, como ainda possuem. Outro aspecto importante, é a integração de mulheres ex-participantes do projeto na equipe profissional do projeto. Isso demonstra que o projeto reconhece que as mulheres das comunidades são importantes na luta pela moradia digna.

A determinação do projeto Arquitetura na Periferia, da participação de apenas mulheres, trouxe uma percepção de autonomia e confiança para as mulheres participantes. O projeto, através do método de ensinar, ao transmitir o conhecimento para as mulheres realizarem as atividades e escolhas com autonomia e não apenas entregar um projeto de obra pronto, faz com que as mulheres realizem atividades, que antes não tinham acesso, como desenho técnico, planejamento de obra e construção civil. Com a participação no projeto as mulheres participantes passaram a perceber que também têm direitos de realizarem outras atividades, além das

determinadas socialmente, como o trabalho doméstico. Além disso, as mulheres são as mais interessadas em ter uma moradia digna, devido a construção sócio-histórica da mulher cuidadora do lar. Outro aspecto importante a ser destacado é que as participantes do projeto ao trabalharem em grupos, com as mulheres da comunidade, em espaços públicos, passaram a perceber a esfera pública como um campo de poder e conquista.

O projeto Arquitetura na Periferia, também trouxe oportunidade para as mulheres melhorarem as condições de suas moradias, pois, não tiveram acesso às políticas públicas de moradia. As mulheres participantes tiveram que lutar, através de movimentos sociais de moradia, para conquista do espaço para residirem. Tiveram que construir suas casas, sem conhecimento técnico. As participantes do projeto, são residentes de áreas periféricas, que são regiões distantes dos grandes centros urbanos. Além disso, essa população sofre com a falta de acesso à saneamento básico, como, falta de coleta de lixo, esgoto encanado, água encanada e de qualidade para o consumo, energia elétrica. É notória a falta de políticas públicas para as comunidades periféricas, como, creches, escolas próximas, hospitais, postos de saúde, lazer e esportes, cultura, transportes, trabalho, moradia. Direitos esses, que são garantidos pela Constituição Federal de 1988 e não são efetivados na prática para a população que vive em situação de vulnerabilidade social. Várias legislações garantem esse direito, inclusive a Lei nº 11.888, de 24 de dezembro 2008, que garante à população de baixa renda, o assessoramento técnico gratuito, para habitação de interesse social. Mas, os governantes, do país, ainda não colocaram a lei em prática e moradias improvisadas são as que prevalecem nas periferias.

O projeto social Arquitetura na Periferia é um exemplo a ser seguido, por outros arquitetos, como um caminho para ampliação da atuação profissional. O projeto pode ser também modelo ou inspiração para a formulação de políticas públicas de habitação para população de baixa renda. Este trabalho contribui, primeiramente, ao levantar uma problematização que envolve gênero, trabalho, masculinidade e feminilidade sob o enfoque de seu protagonismo e de seu ultrapassamento ativo frente aos entraves estruturais e embates que cercam a luta feminista. Não se trata de negar a triste realidade das elevadas taxas de feminicídio ou a ausência insistente da observância aos direitos das mulheres em nosso país. Tal realidade, mais do que nunca, necessita ser denunciada, refletida e transformada, englobando todas as arestas da sociedade, incluindo a produção acadêmica. Porém, é igualmente válido

inventariar as alternativas e frentes de luta que sinalizam para os avanços e para experiências emancipadoras, do qual o projeto Arquitetura na Periferia faz parte.

Outra contribuição advém da articulação da questão de gênero à discussão sobre o direito à moradia, evidenciando de forma interseccional uma iniciativa que envolve mulheres que vivem na periferia de um grande centro urbano e que se engajaram ativamente na luta por moradia digna. Além disso, é válido ressaltar que o projeto Arquitetura na Periferia aponta para o rol de ricas experiências que se consolidam tendo por base a criação de uma interface dinâmica entre universidade e comunidade, sobretudo a partir de projetos de extensão e de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

98 FM. (03 de Fev de 2017). 1 Vídeo (3:20). **Aceleradores do bem-projeto Arquitetura na Periferia**. Publicado no canal 98 Live. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z0vv05UU83Y>. Acesso em: 15 mar. 2019.

Arquitetura na Periferia. (6 de mai. de 2019). 1 Vídeo (2:23). **Eu apoio a Arquitetura na Periferia**. (B. Figueiredo, Editor). Publicado no canal Arquitetura na Periferia Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w_QZBoTciJo. Acesso em: 14 jun. 2019.

Arquitetura na Periferia. **Prestação de contas 2019**. Facebook, 20 janeiro 2020, horário 14:09. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/16YrRqnxuVK9B9iH1YMzRqJNJGIF6XzGc/view>. Acesso em: 20 de jan. 2020.

Arquitetura na Periferia. **Prestação de contas 2018**. Facebook, 26 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1O1IpsNxHBkMbEqSKEXwryQuCW5JuqmTO/view>. Acesso em: 06 de abr. 2019.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2006.

BONDUKI, Nabil. **Habitar São Paulo**: reflexões sobre a gestão urbana. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 6 nov. 2019.

_____. **Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001**. Estatuto da Cidade. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70317/000070317.pdf?sequencia=6%20Calizaya>,. Acesso em: 20 de dez. 2019. 102 p.

_____. **Lei nº 11.888, de 24 de dezembro de 2008**. Assegura às famílias de baixa renda assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social e altera a Lei nº 11.124, de 16 de julho de 2005. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11888.htm. Acesso em: 20 dez. 2019.

_____. Ministério das Cidades. **Política Nacional de Habitação**. Brasília, 2004. Disponível em: <https://www.cidades.gov.br/images/stories/ArquivosSNH/ArquivosPDF/4PoliticaNacionalHabitacao.pdf>. Acesso em: 06 de nov. 2019.

BUENO, Cléria M.L.B. O papel das representações sociais e da educação para o desenvolvimento da identidade de gênero. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.** São Paulo, v. 16, n. 3, p. 92-103, dez. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 mar. 2019.

CARNEIRO, S. Mulheres em Movimento. **Estudos Avançados**. v. 17, n. 49: 117-132, São Paulo, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2019

DEL PRIORE, Mary. **Histórias das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. In: Família, Gênero e Geração: temas transversais. Maria Helena de Paula Frota, Maria do Socorro Ferreira Osterne (organizadoras). Fortaleza: EDUECE, 2004.

FARAH, Marta Ferreira Santos. Gênero e políticas públicas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 47-71 jan. 2004. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000100004>. Acesso em: 22 mar. 2019.

FERNANDES, Marlene. **Agenda Habitat para municípios**. Rio de Janeiro: IBAM, 2003. Disponível em: http://www.participa.br/articles/public/0007/9445/Agenda_Habitat_para_Munic_pios_Brasil.pdf. Acesso em 02 de jan. 2020.

França, A. (04 de jun de 2018). 1 Vídeo (2:01). Oficina de Construção-Arquitetura na Periferia. (I. Fachardo, Editor). Publicado no canal Arquitetura na Periferia Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZogwxP_8Oc4. Acesso em: 20 out. 2019.

Fundação Banco do Brasil. (17 de out de 2019). 1 Vídeo (5:14). **Arquitetura na Periferia**. Publicado no canal Fundação Banco do Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p8qHQqMj2Gc>. Acesso em 03 nov. 2019.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Déficit habitacional no Brasil**. Diretoria de Estatística e Informações. 2015. Disponível em: <http://fjpdados.fjp.mg.gov.br/deficit/>. Acesso em: 30 jan. 2020.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**: os processos de construção da informação. Editora Thomson. São Paulo, 2005.

Guedes, C.;Figueiredo, B. (28 de set de 2014). 1 Vídeo (8:29). **Arquitetura na Periferia: uma experiência**. Publicado pelo canal Carina Guedes.Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cHSG8tiFMwo>. Acesso em 08 jun. 2017.

GUIMARAES, Nadya Araújo. Os desafios da equidade: reestruturação e desigualdades de gênero e raça no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 237-266, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332002000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 mar. 2019.

IPEA. **Retrato das desigualdades de Gênero e Raça: 1995-2015**. Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Brasília, 2017. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_desigualdades_de_genero_raca.pdf. Acesso em: 8 nov. 2019.

Jornal Minas. (03 de fev de 2017). 1 Vídeo (3:15). **Arquitetura Periferia**. Publicado pelo canal Jornal Minas. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mUSq_iTi3xs. Acesso em: 12 ago. 2018.

KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual do trabalho e as relações sociais de sexo**. In: Dictionnaire critique du féminisme. Paris: Ed. Presses Universitaires de France, 2000

MARICATO, Ermínia. **As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias**. In: A Cidade do Pensamento Único – Desmanchando Consensos. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2000.

MENDONÇA, Carina Guedes. **Arquitetura na Periferia: Uma experiência de assessoria técnica para grupos de mulheres**. Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-9NMHJ4>. Acesso em: 01 mar. 2019.

OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. **Família, pobreza e gênero: o lugar da dominação masculina**. Fortaleza: EDUECE, 2001.

O projeto. ARQUITETURA na Periferia. Disponível em: <http://www.arquiteturanaperiferia.com.br/o-projeto/>. Acesso em: 16 mar. 2019.

RICCI, Larissa. **Arquiteta ensina mulheres da periferia de BH a projetar suas casas**. Jornal Estado de Minas. Postado em 23 out. 2017, atualizado em 04 jul. 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/10/23/interna_gerais,910580/arquiteta-ensina-mulheres-da-periferia-de-bh-a-projetar-suas-casas.shtml. Acesso em: 15 ago. 2019.

Rede Globo. (2 de jun de 2019). 1 Vídeo (6:36). **Mulheres constroem a própria casa em projeto de arquitetura de Belo Horizonte**. (F. Ibiapina, Editor) Exibido no programa Fantástico: Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7662356/>. Acesso em: 7 jun. 2019.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo**. Recife: S.O.S Corpo, 1993.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. v. 20, n. 2: 71-99, Porto Alegre, 1995. Tradução Guacira Lopes Louro. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 10 fev. 2019.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **Diversidade de Gênero – Mulheres**. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/edh/redh/03/03_rosa1_diversidade_genero.pdf. Acesso em: 10 mar. 2019.

SIQUEIRA, Ana Lúcia de Souza. **Quem tem direito à moradia?**: uma análise da política nacional de habitação e dos programas de habitação de interesse social (2003-2005). 2006. 140 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/13764>. Acesso em: 02 de jan. 2020.

SOUZA, Amanda Paulista de. As mulheres nos movimentos sociais de moradia: a cidade sob uma perspectiva de gênero. **Humanidades em diálogo**, v. 5, p. 93-108, 23 nov. 2013. Disponível em: https://humanidadesemdialogo.files.wordpress.com/2013/11/revhum_out13_05e06_baixa1.pdf. Acesso em: 23 de abr. 2019.

Sobre nós. ARQUITETURA na Periferia. Disponível em: <http://www.arquiteturanaperiferia.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 16 mar. 2019.

UFMG. (23 de mai de 2017). 1 Vídeo (3:50). **Projeto Arquitetura na Periferia**. (L. Mendes, & J. Campos, Produtores). Publicado pelo canal TV UFMG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vhwNObemQxw>. Acesso em: 30 mai. 2017.

Yin, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução: Daniel Grassi - 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Transcrição principais falas dos vídeos sobre o Projeto Arquitetura na Periferia

VÍDEO 1

Título: Arquitetura na Periferia: Uma experiência

Data do vídeo: 28 de setembro de 2014

Duração: 8:29

Canal do Youtube: Carina Guedes

0:50 Ana Paula da Cruz

Nó gente, a gente vai aprender a medir as coisas, aprender a fazer coisas diferentes, que a gente nunca tinha feito, né.

0:56 Adriana Martins

Eu tô chique demais. Olha pro cê vê, tinha treno, tinha máquina fotográfica, tinha tudo. Nó, foi chique demais.

1:03 Ana Paula da Cruz

Eu nunca tina pegado uma trena pra mim medir. Nunca tinha tentado desenhar um projeto.

1:09 Luciana da Cruz

Porque na verdade, aqui a gente mede tudo, só que gente mede com o cabo de vassoura.

1:15 Ana Paula da Cruz

Pegava só no pesado né. Virar concreto, esses trem, a gente sempre ajudava e tal. Só que a gente nunca tinha tido um contato, assim mais direto, com fazer projetos essas coisas né.

1:27 Adriana Martins

A gente ser humano, a gente assusta muito no primeiro instante. Depois que a gente vê que tem capacidade é muito fácil. Sabe quando você se sente assim, é, uma pessoa que tem valor ne alguma coisa, pode fazer alguma coisa.

1:52 Adriana Martins

Esse negócio de desenhar, mudou muito, porque eu via a minha casa de outro jeito.

1:58 Luciana da Cruz

Eu preciso de três quartos, eu preciso de um banheiro e preciso de uma cozinha. E aí eu tenho que fazer caber tudo nesse espaço.

2:07 Adriana Martins

E com o desenho eu pude ver onde é que eu podia colocar uma porta, mudar tudo. Aí formei tipo a casa mesmo.

2:20 Adriana Martins

Durante o processo a gente trabalhando em grupo, a gente aprendeu a respeitar um o lado da outra e pedir opinião também delas. Né, porque, por exemplo, a Luciana, a palpiteira, dava palpite no meu e eu dava no ela. Tinha vezes que nós nem concordava.

2:49 Adriana Martins

Ah, mas é bom que a gente discutia, pra ver onde tava o certo e o errado.

2:52 Luciana da Cruz

Quando a gente se encontra, o que a gente tem pra falar é o projeto, é alguma ideia, alguma coisa. Sabe quando se tá andando na rua, cê vai falar com uma pessoa, em vez de falar: E aí como tá, como é que tá a família? Não, aí você fala assim: Aqui, e aí? E o projeto, cê conseguiu resolver e tal?

3:04 Adriana Martins

Foi maravilhoso, porque uniu nós. Então através disso eu já tô fazendo parte de associação junto com elas. Já tô né, fazendo outros tipos de plano com elas.

3:13 Ana Paula da Cruz

Foi no começo do projeto a gente pensava em fazer uma coisa. Aí depois que a gente começou a fazer o projeto, a gente começou: nossa a gente podia fazer isso, podia fazer aquilo outro. Não, a gente podia quebrar essa parede e fazer assim, que ia ficar bacana.

3:45 Ana Paula da Cruz

Eu tava querendo fazer coisas demais. E coisas que quando a Carina falou o orçamento, não ia caber no orçamento. Na hora que entrou no assunto de financiar, foi aí que a gente colocou o pé no chão.

4:00 Adriana Martins

Teve algumas dúvidas: Com quem que vai ficar esse dinheiro? Como que vai pagar?

4:06 Luciana da Cruz

O legal também é que é tudo em grupo, discutido em grupo, o grupo que decide. E aí a gente conseguiu, é, chegar num acordo.

4:18 Adriana Martins

Foi bom que a gente teve confiança uma com a outra. Entendeu, abrir espaço pra uma ter confiança com a outra, também.

4:34 Adriana Martins

Porque aqui no Dandara as mulheres do Dandara, são muito lutadeiras sabe. Luta muito pelo aqueles objetivos. Então nós achamos, se nós mesmo conseguisse fazer alguma coisa e não dependesse de pagamento, o dinheiro ia render mais.

4:50 Luciana da Cruz

E aí a gente sabendo fazer, né, a gente ia conseguir tocar a obra. Mesmo, assim, se a gente num, num fosse fazer as coisas que não fosse tão pesadas.

5:00 Ana Paula da Cruz

Aí a Carina falou: Uai, eu ia até falar com cês que tem uma moça que eu conheço que é Pedreira e tal. Eu falei assim: Ah, você podia falar com ela pra ela vir aqui dá uma oficina pra gente. Pra gente aprender também a mexer né, que aí ia facilitar mais ainda. Ela falou assim: Uai, a gente pode tentar marcar. Foi assim que surgiu a ideia da oficina de construção.

5:28 Adriana Martins

Eu pensei que eu não ia ter capacidade de dá conta de fazer.

5:35 Adriana Martins

Você fazer sozinho é uma coisa. Agora pro cê fazer com uma professora te ensinando, aí dá medo. O dia do reboco mesmo, acho que eu tremia mais que vara verde.

5:47 Ana Paula da Cruz

A gente aprendeu a fazer as coisas e assim sente que a gente pode ser independente se a gente quiser.

5:54 Luciana da Cruz

A gente ficou empolgado. Sabe, nossa, a gente vai ser Pedreiros e tal. Só que a gente esqueceu que ser Pedreiro tem que carregar tijolo. Tem que peneirar areia, tem que virar a massa, tem que colocar os tijolos, tem que rebocar.

6:08 Ana Paula da Cruz

Rebocar é doloroso.

6:15 Ana Paula da Cruz

Levantar uma alvenaria, também num é fácil não.

6:20 Luciana da Cruz

Esse negócio de dá um jeitinho brasileiro, não rolou no nosso curso. A gente teve que aprender e aprender de verdade. Isso foi legal.

6:33 Luciana da Cruz

É muito gostoso quando cê vê assim, uma coisa que cê construiu e cê olha assim e fala: nossa, foi eu mesmo que construí sabe. Aqui em casa a gente colocou a torneira. Toda vez que eu passo ou então toda vez que vem alguém aqui eu mostro: olha a minha torneira que eu coloquei sabe. Eu sei colocar a torneira.

6:54 Adriana Martins

Na hora que nós tava levantando a parede, na oficina, e senti que eu não preciso mais depender dos outros. Porque eu mesmo dou conta de fazer o que eu quero, entendeu. Então daqui pra frente é bola pra frente, é lutar pra comprar material, é lutar pra conseguir fazer, sem ter medo, porque eu tenho capacidade pra fazer.

VÍDEO 2

Título: Projeto Arquitetura na Periferia

Data do vídeo: 23 de maio de 2017

Duração: 3:50

Canal do Youtube: TV UFMG

0:10 Carina Guedes

O projeto surgiu no meu mestrado, que eu entrei justamente com a inquietação de exercer uma profissão que não dava conta de atender a maior demanda do Brasil, que justamente nas periferias, onde as pessoas constroem, até autoconstroem as casas sem auxílio técnico, que pode gerar, muitas vezes, desperdício de material, de tempo ou até problemas mesmo estruturais. A ideia era levar essa informação, esse serviço, assessoria técnica pra essa população.

0:48 Carina Guedes

Trabalhar com mulheres, foi por alguns motivos, um deles porque a mulher, é ela quem passa mais tempo dentro da casa, seja trabalhando, seja fazendo a manutenção daquele espaço. Só que na hora de decidir como esse espaço vai ser construído, ela é excluída. Os homens dominam a construção civil. Então é muito importante que ela faça parte desse processo. Outro motivo é que eu estudei algumas experiências mundiais de microcrédito e elas mostram que as mulheres, quando elas recebem um benefício, elas tendem a promover melhorias pra mais pessoas.

1:25 Luciana da Cruz

O projeto se iniciou. A gente juntou um grupo de mulheres e começamos a perceber que realmente tinha algumas coisas que nos incomodava mesmo. No meu caso tinha uma torneira na beira da porta, não tinha tanque. E a gente organizou né, tabelas de trabalho pra dividir etapas do nosso trabalho, quando seriam reuniões, quando seriam alguns cursos né, algumas coisas assim e até chegar no Mão na Massa que assim, foi assim o nosso sonho, é a meta alcançada né.

2:13 Ana Paula da Cruz

A Carina deu uma prancheta pra gente, deu máquina fotográfica, trena pra gente medir a casa da gente. Aí a gente mesmo desenhou como é que a casa da gente era, o que cê queria mudar. E isso, assim, até foi muito importante pra gente conhecer o espaço que a gente tem. Eu fiz uma encanação de água e uma que era de esgoto que era da pia. A gente levantou uma parede, rebocou alguns cômodos e eu coloquei o piso, a cerâmica do meu quarto sozinha.

2:48 Luciana da Cruz

Esse projeto, ele me mostrou que não tem uma área específica pra mim. E posso tá na onde eu quiser. Não tem nada que me impeça de construir a minha casa. E aí a gente se esbarra no conhecimento, de saber fazer o trabalho e também na força física né, porque somos mulheres e gente não vai conseguir carregar os tijolos, carregar o concreto. E eu acabei descobrindo que eu tenho essa força.

3:20 Ana Paula da Cruz

Hoje em dia eu me vejo que eu não tenho limite pra nada. Eu posso fazer qualquer coisa aonde eu quiser, na hora que eu quiser. E isso, assim, mudou muito na minha vida, assim. Mudou meu jeito de ver as pessoas, de ver o mundo sabe. Então foi uma coisa assim, muito boa mesmo, de verdade. Eu queria que todo mundo, todas as mulheres do Dandara participasse disso.

VÍDEO 3

Título: Arquitetura Periferia – Jornal Minas

Data do vídeo: 03 de fevereiro de 2017

Duração: 3:15

Canal do Youtube: Jornal Minas

0:38 Adriana Martins

Eu ajudava a fazer massa, carregava, rejuntei, levantei parede. Agora eu tenho um conforto né, pros meninos, que antigamente eles não podia nem sentar no chão. Agora não, agora tem o piso, tem tudo.

0:56 Carina Guedes

A ideia desde o começo, era que o projeto pudesse ser independente de qualquer vínculo com instituições financeiras ou do governo né. É, só que pra começar a gente precisava dum valor, que serviria de microfinanciamento pras mulheres. Então, na época eu tava no mestrado, tava ganhando uma bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que separei uma parte pra usar no projeto, que seria pra emprestar pra essas mulheres realizares as suas obras. E além disso, elas fizeram uma poupança pra fazer a compra dos materiais.

1:44 Carina Guedes

Veio uma mulher, Pedreira, aqui, dois dias de aula né, e ensinou pra elas a fazer alvenaria, demolição, reboco e instalação hidráulica.

2:20 Elaine Cabral

A gente acha que a gente não tem aquela capacidade de saber né, o tanto de cimento que gasta numa casa, é, tijolos.

2:30 Flávia Fonseca

Fazer né, o desenho da própria casa, eu que fiz sozinha. Eu nunca imaginei que eu poderia fazer.

3:08 Flávia Fonseca

Porque é ela que vai ficar em casa, igual eu que fico dentro de casa, meu esposo sai pra trabalhar, entendeu. Então como diz, as mulheres que mandam.

VÍDEO 4

Título: Aceleradores do Bem - Projeto Arquitetura na Periferia

Data do vídeo: 01 de novembro de 2017

Duração: 3:20

Canal do Youtube: 98 Live

0:18 Carina Guedes

Meu nome é Carina Guedes, sou arquiteta, idealizadora do projeto Arquitetura na Periferia. O projeto começou, justamente com a ideia de bolar uma forma do Arquiteto atender essa demanda da periferia. Porque lá é o lugar onde as pessoas mais constroem e é onde a gente menos vê Arquitetos trabalhando. E a ideia era estruturar a atuação do Arquiteto, de forma que ele conseguisse atender essa demanda no dia a dia.

0:45 Carina Guedes

A falta de assessoria técnica na construção, ela gera muitos desperdícios. Então, as pessoas, elas perdem tempo, perdem dinheiro, perdem materiais e acabam construindo, às vezes, casas com problemas de estrutura, problemas de insalubridade, de ventilação, de iluminação. Coisas que a informação técnica poderia né, evitar que acontecesse.

1:11 Carina Guedes

A gente faz um pequeno grupo de mulheres e começa um processo de planejamento que dura de quatro a seis meses. São encontros semanais, onde elas vão aprendendo cada etapa, desde o desenho, como que faz o levantamento da casa, como que mede. Elas levantando e desenhando a casa, elas começam a enxergar aquele espaço de uma outra forma. Elas aprendem também a fazer orçamento, algumas coisas de finanças pessoais. Elas vão receber um pequeno empréstimo também, pra começar essa obra.

1:40 Carina Guedes

A gente escolheu trabalhar só com mulheres por dois motivos principais. O primeiro, é porque no Brasil, as mulheres ainda passam mais que o dobro do tempo, de que os homens, dentro de casa, fazendo a manutenção do espaço. E na hora de decidir como é que ele vai ser construído, elas ainda são excluídas. Isso é confirmado pelos relatos que a gente recebe, até do Pedreiro mesmo. Até o Pedreiro manda na construção. Às vezes ela quer de um jeito, ele fala que não pode ser desse jeito e faz de outro. Então a gente quer incluir a mulher nesse espaço de decisão. De como o espaço vai ser construído. O outro motivo é que, como tem esse empréstimo, é, a gente pesquisou sobre outras experiências de microcrédito mundiais e elas demonstram que a mulher quando ela recebe um benefício, ela promove o bem pra mais pessoas. Então aquele benefício ele é expandido e faz um bem maior, assim né, pra sociedade.

2:37 Carina Guedes

Eu percebi que, é, compartilhar o conhecimento pra pessoas que tem o acesso negado à tantas coisas, se vê, elas têm dificuldades de conseguir creche pros filhos, dificuldades de ter acesso à saúde, dificuldades até de conseguir acesso até à um saneamento básico. Quando elas têm acesso à informação, elas sentem um poder, que você implanta ali, que a pessoa vê que ela é capaz de fazer as coisas. Então a informação, é muito poderosa né. A gente tende a achar que só o dinheiro né, que é o capital que gira aí, mas a informação é um deles também.

VÍDEO 5

Título: Oficina de Construção - Arquitetura na Periferia

Data do vídeo: 04 de junho de 2018

Duração: 2:01

Canal do Youtube: Arquitetura na Periferia Brasil

0:00 Cenir Silva– Mestra de Obras

Meu nome é Cenir e eu sou Mestre de Obras. Trabalho na área de construção civil há uns 19, 20 anos eu acho.

0:14 Entrevistador(a) não identificado(a)

Qual que é sua participação no projeto?

0:16 Cenir Silva - Mestra de Obras

É, instrutora né. Eu dou instrução pra meninas. Eu ensino elas a fazerem alvenaria. Isso dependo do dia e do que vai ser feito naquele momento. Então a gente faz a alvenaria convencional, alvenaria estrutural, é, acabamento, reboco, essas coisas. Isso vai depender do que for proposto pra aquele dia.

0:40 Entrevistador(a) não identificado(a)

E a particularidade do projeto também é mulheres construindo, né, o que você acha disso?

0:45 Cenir Silva - Mestra de Obras

Isso. Isso que é o mais interessante né, porque as meninas aprendendo, elas vão poder fazer pra elas mesmas. Isso gera uma certa curiosidade pra elas aprenderem. E nisso elas conseguem ter uma independência maior e consegue tentar pelo menos aprender outros tipos de coisas, saber que elas podem fazer. Isso que é o melhor.

1:06 Entrevistador(a) não identificado(a)

E mesmo quando não é elas que fazem.

1:08 Cenir Silva - Mestra de Obras

Elas vão saber conferir, vão saber se tá sendo bem feito e tudo. As mulheres podem fazer tudo, é só querer.

1:50 Cenir Silva - Mestra de Obras

Gente e abrace a periferia, porque é muito bacana. Quem não participou, participe e venham viu.

VÍDEO 6

Título: Arquitetura na Periferia

Data do vídeo: 17 de outubro de 2019

Duração: 5:14

Canal do Youtube: Fundação Banco do Brasil

0:15 Carina Guedes

Só de andar pela cidade a gente consegue perceber que a maioria das casas são construídas sem acesso aos serviços prestados por arquitetos, engenheiros ou conhecimento técnico da área né.

0:26 Luciana da Cruz

A grande dificuldade que a gente encontra na obra é de não saber o trabalho né, é um ensinamento que não é passado pra gente.

0:35 Eliane Martins

A gente não tem muita noção do que fazer, como fazer, quando fazer. E a grana também, que se você faz sem conhecimento, você acaba gastando a mais.

1:29 Carina Guedes

O Arquitetura na Periferia é um projeto de assessoria técnica para mulheres da periferia, de melhoria da moradia. Mas, como a gente trabalha com o método que é pautado pelo compartilhamento do conhecimento, então é um processo de aprendizado, hoje a gente já diz que o nosso objetivo é a transformação das mulheres.

1:48 Cenir Silva – Mestra de Obras

A construção civil é um ponto de trabalho dominado por homens. Eu acho que mais pelo machismo mesmo, deles acharem que as mulheres são sensíveis, todo mundo muito delicada e que não são capazes de fazer. Só que tem várias maneiras de se fazer. É uma coisa que a gente consegue manobrar bem.

2:07 Luciana da Cruz

A metodologia que o Arquitetura na Periferia usa né, ela é dividida em duas etapas né. Uma etapa que são as reuniões, a outra etapa é a mão na massa. A gente tem oficinas de finanças, oficina de material né, de fazer o quantitativo e depois a gente faz um levantamento das obras né. E aí passa para a mão na massa. E a mão na massa sempre é dentro de uma das necessidades das mulheres. A gente faz de forma itinerante. Ela aprende alvenaria na casa de uma, o reboco na casa da outra.

2:44 Carina Guedes

Eu acho que o importante é elas também é elas terem também essa noção de quais são as possibilidades e o que vai ser melhor pra ela. Já tivemos mutirões, que elas mesmas chamaram familiares. Já tivemos mulheres que elas mesmas pegaram e fizeram.

3:04 Carina Guedes

O projeto trabalha também com crédito solidário. Elas é que decidem qual o valor que vão conseguir pagar por mês, a partir das oficinas de finanças.

3:14 Eliane Martins

E dentro daquele valor que é emprestado pra gente, a gente executa as obras na nossa casa.

3:27 Luciana da Cruz

Na verdade, o projeto chegou pra mim após uma reunião. E a Carina teve nessa reunião apresentando o projeto e depois ela me procurou na comunidade. Eu ajudei a criar o primeiro grupo, mas eu fiz parte dele também, para as pequenas reformas. Mas a nossa demanda era outra né, era a construção mesmo, no caso.

3:49 Carina Guedes

A gente busca criar relações de confiança sempre né, tanto com as mulheres que participam do projeto, quanto com as comunidades e os territórios que a gente atua.

4:05 Carina Guedes

Eu acabei percebendo isso, que o conhecimento ele é muito mais importante, mais válido pra aquela pessoa, do que só receber um projeto.

4:12 Eliane Martins

Porque a partir daquilo que eu aprendi eu posso tá passando pra frente, mostrando pra as outras mulheres que a gente é capaz, que a gente pode sim, que pode se sujar de massa, que não tem perigo sujar de massa, subir num andaime e tirar a medida.

4:29 Luciana da Cruz

Sempre no final de cada trabalho, as mulheres que estão envolvidas indicam outras colegas pra poder participar, porque infelizmente a gente não pode fazer uma divulgação ampla por conta de recursos.

4:48 Luciana da Cruz

Pra mim tem sido um momento bem importante do meu desenvolvimento como mulher, como mãe, como dona de casa.

4:57 Eliane Martins

Eu depois que conheci e comecei a fazer parte desse projeto, mudou muita coisa na minha vida. Não preciso depender de alguém, ou se eu contratar um pedreiro pra fazer, eu sei olhar se ele tá fazendo correto ou não.

VÍDEO 7

Título: Mulheres constroem a própria casa em projeto de arquitetura de Belo Horizonte

Data de exibição: 02 de junho de 2019

Duração: 6:36

Reportagem exibida no programa de TV Fantástico/Globo

0:21 Luciana da Cruz

Eu passei a minha infância segurando a casa. Eu minha mãe e o meu irmão segurando a casa pra chuva não levar, pra enchente não levar.

0:32 Cely da Costa Silva

Eu morava de favor na casa da avó do meu filho, da vó paterna.

0:41 Cristiane Silva

Portão, flores, planta e meus filhos brincando e meus cachorros.

0:47 Cristiane Silva

Era um sonho e eu achava que nunca ia conseguir.

1:03 Carina Guedes

Não ter arquitetos e arquitetas presentes onde as pessoas estão mais construindo, que são nas periferias, né.

1:17 Cely da Costa Silva

Ah, vai ter uma reunião aqui, você quer participar? Ah quero.

1:21 Luciana da Cruz

Ela apresentou essa loucura, esse projeto doido e eu falei uai, bora juntar as mulheres e fazer.

2:06 Eliane Martins

A gente fez essa planta pra ela entender como é a nossa casa. E esse outro projeto aqui é como a gente quer que a construção seja feita.

2:20 Carina Guedes

É passar o conhecimento, não é oferecer um projeto de arquitetura. Então elas aprendem a medir, elas aprendem a desenhar, elas aprendem a projetar, fazem exercícios pra descobrir o que é que cabe naquele espaço.

2:57 Carina Guedes

Já fez dez anos que ela existe e até hoje poucas pessoas têm o conhecimento, inclusive pessoas da área. Aqui em Belo Horizonte eu desconheço algum caso em que ela tenha sido utilizada.

3:13 Carina Guedes

Elas é que decidem quanto que elas vão poder pagar por mês. A gente não tem juros, a gente não tem multa, não tem contrato. É tudo na base da confiança.

3:29 Carina Guedes

É um outro tipo de atmosfera né. É, é bem descontraído mesmo. Assim, é divertido.

3:39 Rosângela Ladislau

Uma casa grandona, toda aberta, arejada, quintal grande.

3:48 Eliane Martins

Ah, eu vejo minha casa rebocada, massada, pintada. E eu sei que eu vou conseguir.

4:37 Cristiane Silva

Ao mesmo tempo que eu queria a minha casa, eu bati o pé e falei que eu mesma ia construir e eu mesmo ia fazer a instalação, tudo.

4:50 Cristiane Silva

São mulheres acolhedora. Chega bate papo, o que eu comer, elas comem, sabe. Então assim, é uma abraçando a causa da outra.

5:08 Luciana da Cruz

Eu chapava a massa e massa não ficava. E eu fui aprender mesmo, a fazer da maneira correta, a jogar, a chapar a massa e a massa parar na parede, foi a partir do projeto.

5:24 Luciana da Cruz

A laje aqui de casa, ela foi, é, ela foi batida basicamente por mim e pela minha tia, que ela também participou do projeto Arquitetura.

5:40 Carina Guedes

Não existe trabalho de homem e trabalho de mulher, existe trabalho.

5:49 Cely da Costa Silva

Quando a pessoa participa daquilo, ela fica satisfeita, ela se sente realizada. A casa dela é como se fosse ela, é um pedaço dela. A casa tem que ser aconchegante, seja ela simples, seja ela uma mansão, mas ela tem que ser a parte de você. Ela tem que ser a sua essência e eu acho que minha casa tá ficando a minha.

6:22 Cristiane Silva

Uma dano a mão pra outra gera aquele ar de coragem, entendeu, entre as mulheres. Assim, ela bater a mão no peito e falar: eu consigo eu posso, por que não?

VÍDEO 8

Título: Eu apoio a Arquitetura na Periferia

Data do vídeo: 06 de maio de 2019

Duração: 2:23

Canal do Youtube: Arquitetura na Periferia Brasil

0:53 Luciana da Cruz

Eu entrei num espaço, que até então falavam que não era meu e isso transforma a gente como pessoa.

1:12 Luciana da Cruz

Hoje no projeto eu sou Diretora de Relações Comunitárias. Eu ajudo a formar novos grupos e orientar e acompanhar essas meninas durante todo o processo.

1:37 Luciana da Cruz

Eu não esperava que fosse uma coisa grande, do jeito que tá né. Vendo tantas casas, aí meu coração quase que desmonta, assim né. Vê que hoje a gente tem um grupo de mulheres voluntárias, que sempre que a gente precisa tá aí, pra poder ajudar é maravilhoso.

2:00 Cenir Silva – Mestra de Obras

Porque são pessoas que realmente necessitam né, e que não teriam condições de construir uma casa melhor pra eles e pros filhos, netos né, se não fosse por esse projeto.

APÊNDICE B – Diário de campo

Mutirão do Projeto Arquitetura na Periferia

Local: Ocupação Eliana Silva, em Belo Horizonte/MG

Data: 06 de abril de 2019

Horário: 8 as 12 horas

No dia 06 de abril de 2019, foi realizado um mutirão, que faz parte de um dos métodos do Projeto Arquitetura na Periferia. O mutirão foi realizado na moradia da Cristiane Silva, a Cris, que é participante de um dos grupos do projeto, que mora na ocupação Eliana Silva, localizado na região do Barreiro em Belo Horizonte. O mutirão estava agendado para o horário de 8 as 12 horas. Participaram em torno de 14 mulheres inscritas no *workshop*, entre elas, havia estudantes e profissionais de Arquitetura, estudantes e profissionais de Engenharia Civil, profissional da área de Comunicação Social e eu Assistente Social. Além das participantes do *workshop*, as integrantes do Projeto Arquitetura na Periferia Arquiteta Carina Guedes e a Mestre de Obras Cenir. A Cris moradora e seus dois filhos, de 4 anos e 11 anos de idade.

O ponto de encontro foi em uma padaria na rua de entrada da ocupação Eliana Silva, no horário de 8 horas. Cheguei às 7:52, junto com Thais, estudante de Engenharia Civil e Bruna estudante de Arquitetura. Havia uma das participantes aguardando sentada na porta da padaria, que informou que a Carina havia passado na rua de carro e informou que iria buscar a Cenir. Enquanto isso, chegaram outras participantes no ponto de encontro. Às 8 horas Carina chegou de carro com a Cenir e outras participantes. Carina nos chamou para entrar na ocupação, seguimos o seu carro a pé até a esquina da rua da casa da Cris. Carina se apresentou e nos apresentou a Cenir. Dali em diante seguimos a pé para casa da Cris, que fica há cerca de 20 metros da esquina.

Carina e Cenir chamaram a Cris pelo nome, Cris respondeu com um “Oi”. Carina e Cenir se identificaram. Cenir abriu o portão. Cris perguntou “de forma descontraída” se tinha homem, informou que iria trocar de roupas. Enquanto aguardávamos Cris, adentramos seu quintal e guardamos as mochilas e colocamos os lanches em cima de uma madeira que estava no quintal. Na parte da frente da casa

havia o início da construção de um cômodo, com quatro fileiras de tijolos assentados. Perguntei Cenir o que seria aquela construção. Cenir informou que será um quarto, pois na casa da Cris tem somente um quarto.

Cris abriu a porta de sua casa e saiu para o quintal com seus dois filhos. Deu bom dia e Carina pediu para Cris se apresentar e apresentar o que seria aquele cômodo. Cris se apresentou informando que ela era a Cris e também apresentou seus filhos. Relatou que aquele seria seu “ninho do amor”, referindo ao seu novo quarto. Carina solicitou a apresentação de cada uma das mulheres que estavam no local, com nome, o que faz e de qual local. Após a apresentação de todas. Carina ofereceu equipamentos de segurança, como luvas, botas, óculos, que estavam em suas bolsas.

Cenir perguntou para Cris, quem iniciou o assentamento daqueles tijolos e Cris informou que foi ela. Cenir perguntou se ela usou a linha e o prumo e Cris relatou que usou somente o prumo, que tinha esquecido como usava a linha. Cenir observou que alguns tijolos ficaram tortos e que Cris não poderá mais fazer paredes sem usar a linha. Relatou que Cris precisa aprender a usar a linha.

A partir de então, Carina e Cenir deram sugestão de algumas das participantes iniciarem a massa de cimento para continuar as paredes do quarto e outro grupo fazer o nivelamento do piso do quarto, que para isso seria necessário retirar alguns centímetros de terra. Cenir explicou que a fundação do cômodo tem 20 cm e precisava de deixar a terra 5 cm abaixo da fundação. Quatro mulheres entraram no cômodo e foram passando os tijolos lá estavam para as mulheres que estavam do lado de fora, para que os tijolos não dificultassem o trabalho de nivelamento do piso, que foi realizado com duas enxadas. A divisão dos grupos ocorreu de forma espontânea. Nesse momento fiquei no grupo do lado de fora do cômodo, recolhendo os tijolos.

Após o término da retirada dos tijolos de dentro do cômodo, as mulheres de dentro do cômodo iniciaram o nivelamento do piso com duas enxadas. Outras duas mulheres estavam com 2 colheres, um balde e uma bacia e faziam a retirada da terra. Elas passavam o balde para outras duas mulheres que estavam do lado de fora para levar a terra para a rua. O filho da Cris também participou um pouco no trabalho com a enxada.

Enquanto isso, Carina informou que as outras participantes poderiam iniciar a massa. Primeiramente a areia foi peneirada e Carina ressaltou a importância das proporções de areia e cimento. Cenir auxiliou com as medidas, relatou que seriam quatro latas de areia e uma lata de cimento. Duas participantes iniciaram e houve

revezamento entre as mulheres. Ora uma fazia o trabalho de colocar a areia na lata, ora outra mulher peneirava a areia. Particpei desse revezamento, que ocorreu de forma espontânea, através do peneiramento de areia. Carina orientou que o importante nesse momento é soltar os braços para não forçar a coluna, os quadris e as pernas. Cris observou as ações dos dois grupos.

O lanche também ocorreu de forma espontânea, sem horário determinado. Acontecia quando cada participante sentia fome, sede ou vontade de pausar para lanchar ou descansar. O lanche foi colaborativo e cada participante que podia levar um lanche ou bebida, levou para ser compartilhado. A filha da Cris enquanto lanchava, cantava músicas, entre elas, uma música do Movimento de Luta nos Bairros (MLB). Durante os lanches as participantes também conversavam e contavam um pouco sobre elas. Qual curso faziam, onde moravam, onde estudavam e experiências de trabalho. Uma delas me contou que é engenheira civil e sofre preconceito em seu dia a dia de trabalho por ser mulher. Relatou que os homens da área não aceitam muito sua opinião e que eles relatam que tem tarefas que somente homens conseguem fazer. Ela relatou ainda, que nunca usou uma enxada. Que no seu cotidiano profissional não existe a oportunidade. Algumas participantes relataram que não conhecem o nome de algumas ferramentas. Relatei que sei o nome de algumas, devido meu pai trabalhar como Pedreiro e ter as ferramentas de construção na casa dos meus pais. Outra participante, Thaís, contou da experiência que teve na contratação de um Pedreiro para fazer uma parede em sua casa. Thaís contou que o Pedreiro fez o serviço e não limpou o espaço depois. Além disso, sujou de cimento outras áreas, inclusive o teto. Que é difícil achar profissionais que são cuidadosos e que se fosse mulher teria mais cuidado com espaço. Thaís também contou que o Pedreiro não soube medir a quantidade de material. Relatou para ele, no início da obra, que precisaria de mais quantidades que o solicitado, mas que não a ouviu e teve que comprar mais materiais depois.

Após peneirar a areia fui espontaneamente para o outro grupo e auxiliei carregando os baldes de terra e despejando-os na rua. Outras participantes também faziam a mesma função, Jéssica e Maria Luiza. A filha da Cris, também ajudou o grupo, carregou terra em vasilhame de plástico, geralmente utilizado em cozinha. Enquanto isso, Cenir foi até o grupo da massa para ensinar a colocar a água e misturar. Após observar a explicação de Cenir e a conclusão da massa de cimento, me ofereci para reverter com uma das mulheres que estavam com uma das enxadas,

fazendo o nivelamento do piso. Cenir sempre orientava e informava onde precisava tirar mais e qual local já estava pronto.

Quando a massa ficou pronta, Cenir iniciou a explicação de como colocar os tijolos para continuar as paredes. Nesse momento as mulheres pararam para prestar atenção. Cenir pediu que Cris prestasse atenção para não errar, quando for fazer sozinha. Cenir ensinou usar o prumo e a linha para alinhar os tijolos. Após explicação de Cenir as participantes revezaram a colocação dos tijolos, enquanto o outro grupo terminava o nivelamento. Após explicação de Cenir, uma das participantes se ofereceu para ficar no meu lugar, fiz uma pausa para tomar água e lanchar. Após a pausa fui para o grupo que assentava tijolos em uma das paredes do lado de fora do cômodo. Fui a terceira tentar. Cenir sempre observava e corrigia os erros. As outras participantes e Cris auxiliavam com orientações. Cris também auxiliou na colocação da linha e ensinou as participantes como colocar a massa na lateral do tijolo e como partir um tijolo ao meio. Após o nivelamento do piso pelo grupo de dentro do cômodo, esse grupo também iniciou a colocação dos tijolos na outra parede, com o auxílio e orientação de Cenir.

As 11:30 Cenir se despediu do grupo, pois teve que ir embora, pois sua filha teve bebê e estava no hospital. Carina levou, Cenir até o hospital e retornou para o mutirão, entorno de 30 minutos após sua saída.

Durante a colocação dos tijolos, pelas participantes, Cris mostrou a planta de sua casa para algumas das participantes. Relatou que “não aguenta mais dormir junto com os filhos. Como eles estão crescendo, fica cada vez mais apertado” e por isso atualmente dorme na sala. Cris relatou que vai trocar a porta de lugar no banheiro, que atualmente é no quarto e abrir uma porta para entrada no quarto novo. Cris relatou que já sabe como será a decoração de seu quarto, que uma das paredes terá a imagem da mulher maravilha, que um amigo irá fazer para ela em grafite. Cris relatou que já tem o desenho pronto. Após mostrar a planta de sua casa, Cris mostrou para as participantes uma caixa com algumas bijuterias que faz para vender. Relatou que participou de uma oficina de artesanato com bambu em Sabará/MG, através de parceria do Projeto Arquitetura na Periferia. Relatou que tem algumas encomendas e dificuldades para comprar materiais e máquinas. Relatou que já conseguiu algumas máquinas, como a doação de uma furadeira, doada pela Cenir e a doação de um pirógrafo por um amigo.

As 12 horas algumas quatro participantes foram embora. O restante das mulheres continuou com o assentamento dos tijolos. As 12:30 encerrou-se o mutirão. As participantes juntaram os materiais e ferramentas. Houve um momento para fotos e gravação de um vídeo, em que a Cris ensinou e puxou um grito de guerra: “lugar de mulher é atrás do tanque de: GUERRA”, solicitado pela arquiteta Carina Guedes. Quando Carina solicitou o grito de guerra Cris, perguntou se podia ser um do MLB, Carina respondeu que poderia ser qualquer um que ela lembrasse. Todas despediram e agradeceram a Cris. Cris também agradeceu o mutirão. Algumas participantes “brincaram” com a Cris para ela não colocar tijolos tortos, não deve beber cerveja. Cris “brincou” que foi isso que aconteceu quando ela foi colocar os tijolos, pois fez um “churrasquinho” e tomou cerveja enquanto fazia a parede do quarto. Cris acompanhou as participantes até a rua da esquina, onde estava estacionado o carro da Carina. Algumas participantes relataram vontade de retornar para próximo mutirão. Foi sugerido à Cris que quando ela for fazer o reboco para nos chamar para um novo mutirão. Cris informou que vai chamar e que ela vai nos ensinar como rebocar, pois, reboco ela já tem conhecimento e prática, pois aprendeu nas oficinas do projeto. As participantes que tiraram fotos combinaram de mandar para o e-mail do projeto Arquitetura na Periferia. Todas se despediram e foram embora. Cris informou que tinha que retornar para sua casa para se arrumar para ir trabalhar na padaria.

APÊNDICE C – Fotos do *workshop* e mutirão Arquitetura na Periferia

Foto 1: Foto de divulgação do *workshop* e do mutirão.



Fonte: Arquitetura na Periferia (2019).

Foto 2: *workshop* dia 05 de abril de 2019, em Belo Horizonte/MG.



Fonte: Arquitetura na Periferia (2019).

Foto 3: Pausa no mutirão para fotografar e fazer grito de guerra.



Fonte: Arquitetura na Periferia (2019).

Foto 4: Carina acompanha a participante no levantamento da parede de tijolos.



Fonte: Arquitetura na Periferia (2019).

Foto 5: A mestra de obras Cenir orienta sobre o nivelamento do piso do quarto.



Fonte: Arquitetura na Periferia (2019).

Foto 6:



Fonte: Arquitetura na Periferia (2019)

Foto:7



Fonte: Arquitetura na Periferia (2019)

Foto 8:



Fonte: Arquitetura na Periferia (2019)

Foto 9:



Fonte: Arquitetura na Periferia (2019)

Fotos 6 e 8: nivelamento do piso e assentamento de tijolos.
Foto 7: eu e outra participante peneirando areia para preparar a massa.
Foto 9: Carina auxilia participante no levantamento da parede.

Foto 10: rua da casa da Cris.



Fonte: Arquitetura na Periferia (2019)

Foto 11: término do mutirão e despedida da Cris.



Fonte: Arquitetura na Periferia (2019)

Nota: as fotos de 1 a 11 foram realizadas pelas participantes do *workshop* e mutirão e pela arquiteta Carina Guedes de Mendonça, nos dias 05 e 06 de abril de 2019.